

Stella Maris Rezende

*A mocinha
do Mercado
Central*

ilustrações
Laurent Cardon



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A mocinha do Mercado Central



© 2011 Editora Globo S.A.
© 2011 Stela Maris de Rezende

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc. sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Gerente editorial Cecília Bassarani
Editora Camila Saraiva
Assistente editorial Lucas de Sena Lima
Editora de arte e projeto gráfico Adriana Bertolla Silveira
Edição digital Erick Santos Cardoso

Preparação Évia Yasumaru
Revisão Luciana Lima e Denise Santos
Ilustrações Laurent Cardon
Foto da página 10 Leonardo Aversa/Agência O Globo
Produção para ebook Fábrica de Pixel

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rezende, Stella Maris
A mocinha do Mercado Central / Stella Maris Rezende ;
ilustrações Laurent Cardon. – São Paulo : Globo, 2011.
6.485 kb ; ePUB

ISBN 978-85-250-5147-9

1. Ficção - Literatura juvenil I. Cardon, Laurent. II. Título.

11-01521

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

1ª edição, 2011

Obra vencedora do Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro 2008 (Categoria juvenil – Júri adulto).

Os personagens e as situações desta obra são ficcionais e não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 – Jaguaré
São Paulo – SP – 05346-902 – Brasil
www.globolivros.com.br

Este livro foi composto nas fontes Minion Pro e Blackadder ITC e impresso em papel polén bold 90 g/m² na gráfica Bartira. São Paulo, Brasil, maio de 2011.

Capa

Créditos

Folha de rosto

Apresentação

A ideia

Estátua de mãe

A entojada e a idiota

Noites e dias difíceis

O perigo e a proteção

O décimo sétimo andar

A oitava visitante

Os sinos

Olhos verdes

Stella Maris Rezende



A mocinha
do Mercado
Central



ilustrações
Laurent Cardon





Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
Carlos Drummond de Andrade



Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.
José Saramago



Para os queridos Daniel, Stéphanie,
Vinicius, Pedro, Jhonata, Brenda O.,
Brenda L., Laura, Glauciana,
Kathelen, Mariana e professora Maura,
que criaram o meu fã-clube.





Escreveram meu nome no arroz.

Só algumas pessoas, de vez em quando, devem querer parar um pouco, pegar esse grão de arroz e ver dentro dele o mundo inteiro, porque dentro dele existe um trabalho, uma ternura, um esforço.

E foi assim que me vi personagem deste romance saboroso e inventivo, escrito por uma pessoa que nem sequer conheço, mas que me encantou com sua escrita inspirada.

Essa pessoa escreveu meu nome no arroz.

E eu vi um mundo inteiro lá dentro.

Para um sonhador, isso não foi pouca coisa.

E as aventuras da menina protagonista deste livro encheram meus olhos e minha imaginação.

Espero que aconteça o mesmo com quem estiver lendo estas linhas.

Em tempos anêmicos, essa leitura faz sonhar e encher o peito de alegria.

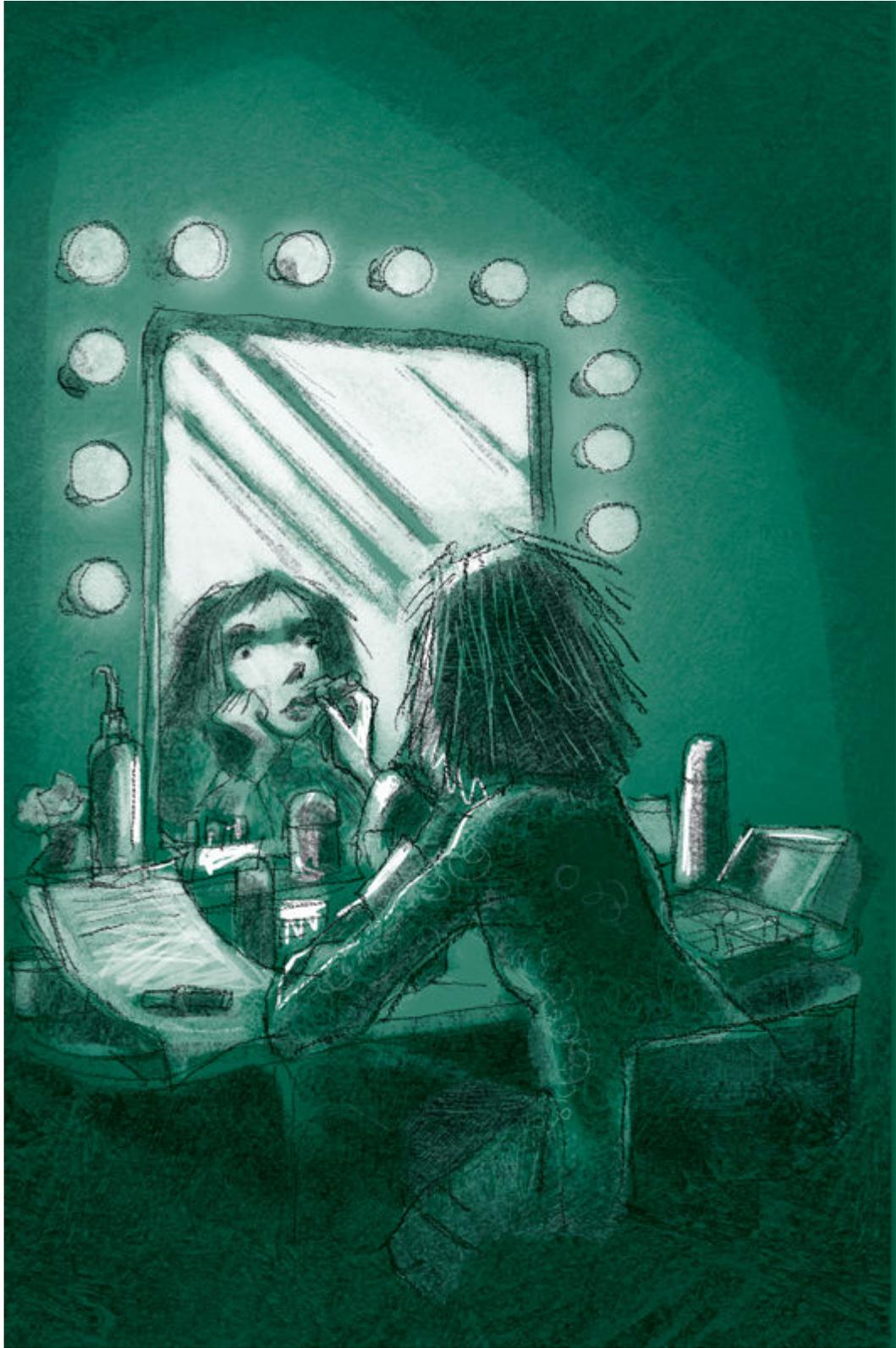
Aproveite bem o que tem nas mãos...

Suspenda a correria e procure enxergar o que está escrito no arroz.

A vida será bem melhor depois disso.

Selton Mello

Ator e diretor de cinema



A ideia

Tinha tudo para não abrir mão da vida, a Valentina Vitória: era bonita com aquele cabelo comprido, cheio e cacheado, tinha pai e mãe que viviam de mãos dadas, sabia o significado de muitos nomes – detalhe que apregoava a todo instante, como se o significado dos nomes das pessoas resolvesse oitenta por cento dos problemas –, e, principalmente, fazia cocô toda manhã. Isso mesmo, dizia que fazia cocô toda manhã, e que isso lhe garantia saúde e entusiasmo.

Maria pensava nessas coisas, pensaria nessas coisas pelo resto da vida, porque de fato a Valentina Vitória era um dos mais belos e mais terríveis mistérios.

Mas Maria precisava pensar em outras coisas.

Penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo. Via o espelho, as muitas lâmpadas pequenininhas formando um retângulo todo iluminado, mas não via as lâmpadas, não via o espelho. Era só ele que ela via.

Acontecesse tudo, a casa fosse levada pela enchente, telhas e móveis carregados pelas águas barrentas; ou a mãe enlouquecesse e ela tivesse que visitá-la num sanatório, escutá-la dizer mil vezes que tem três filhas, uma se veste de fé, roupa azul, a outra de esperança, roupa verde, a outra de caridade, rosa; ou ela, a única filha de fato, nunca mais comesse biscoito de queijo com café quentinho, essa sim, a maior das tragédias, ainda assim, não esqueceria aqueles olhos negros, aquelas mãos inteligentes, aquela voz rouca.

Entrara distraída no palco. Ele começava a compor o cenário.

– Boa tarde...

Ela disse, mas não olhou para as peças de madeira e de tecido, não teve tempo, conhecia aquela voz:

– Boa tarde. Sou o cenógrafo... É a protagonista, não é? Vi sua foto com o diretor, ele estava levando pra gráfica. Aliás, esse folheto de divulgação vai sair um pouco em cima da hora, não acha?

Aquela voz rouca. Então ela o fitou, sem timidez. Sabia que o reencontraria. Sabia. Ele interrompera o trabalho, olhava-a.

– Eu me lembro de você. É o rapaz da praça Raul Soares.

Ela disse, com o coração atabalhado.

– Eu me lembro de você. Quando vi a sua foto hoje, nem sei dizer o que senti.

Ele disse, aproximando-se.

– Sempre me lembro de você.

Ela confessou, com um sorriso que crescia.

– Eu também sempre me lembro de você.

Ele confessou, aproximando-se mais.

E depois ele ainda disse:

– Eu tinha a sua imagem. A sua imagem está o tempo todo comigo. Uma mocinha meio perdida em Belo Horizonte, que ficou olhando pro meu desenho... Que não sabia direito onde era o Mercado Central... Você é a mocinha do Mercado Central.

Ela deixou que ele tomasse entre as dele as suas mãos trêmulas:

– Você viu o meu nome artístico no folheto. O verdadeiro você ainda não sabe.

– Daqui a pouco eu vou saber... Promete?

Ela respondeu, guiada por aqueles olhos negros:

– Primeiro, quero te dizer que a sua imagem também está sempre comigo.

Então ele disse, como se fosse frase de uma peça de teatro:

– Todas as coisas podem acontecer, a partir de uma imagem.

Eles ficaram de mãos dadas. E ficaram naquele instante, ficaram em silêncio, ficaram em dúvida, não ficaram em dúvida. Ficaram.

Beijaram-se na boca. Foi um beijo longo, tão esperado, e então não havia mais nada; nem palco, nem cenógrafo, nem atriz.

Mas havia todas as coisas.

Mas antes, havia a mãe da Valentina Vitória, que qualquer coisa que fosse dizer começava com imagina. Era muito engraçado. Para a mãe da amiga – nunca perguntara o nome dela, que falta de educação –, tudo começava com imagina.

“Imagina, vou chamar a minha filha, eu gosto muito da amizade de vocês.”

“Imagina, acabei de assar um bolo de chocolate, vocês vão merendar.”

“Imagina, a sua mãe está boa?”

“Imagina, sabia que a gente morava num lugar onde ventava quase o tempo todo?” “Imagina, pode entrar, ela já vem.”

E a filha da imagina, a Valentina Vitória, sabia de cor inúmeros significados de nomes de pessoas, vivia falando os tais significados, dizia que o nome de certa forma determina o destino do dono do nome, a Valentina Vitória querendo provar que sabia muitas coisas sobre as pessoas porque sabia o significado do nome de cada uma; imagina, ter uma amiga assim facilita muito a vida, pensava, com um risinho inconstante.

O melhor de tudo, o mais divertido mesmo, era que a filha da imagina era mágica. Assim:

“Isso é mágico, sabe?”

“Cada nome tem a sua magia.”

“A mágica da vida é exatamente esta.”

“Uma magia essa coisa de respirar e se emocionar.”

“O mágico é que eu cheguei no momento exato em que a chuva começou a cair, Nossa, que magia de momento, foi tudo mágico, eu me lembro de cada detalhe, a chuva caía e eu ria, ria alto, ria sem parar, porque a chuva era um sinal, eu quase desmaiei, a vida é mesmo muito mágica.”

Então, tivera a ideia de fazer uma entretenga com esses dois aparatos, o imagina e o tudo mágico. Se havia uma coisa de que gostava muito, era imaginar. Não lhe custaria nada, pelo contrário, ia ser simplesmente uma delícia se batizar de outros nomes, passar uns dias em outros lugares, imagina, fazer de conta que era outras pessoas. Nossa, que maravilha de vida, que coisa mágica.

Portanto, houve a ideia.



Mas antes, bem antes, o que havia era uma certidão de nascimento, só uma certidão de nascimento, e ela era só Maria Campos. Filha de Bernardina Campos, pai desconhecido. A mãe fora violentada durante um assalto a um ônibus em que viajava de Belo Horizonte para São Paulo. Os sete bandidos encapuzados, silenciosos e estarecedores; o chefe exigiu que um deles molestasse a única moça que havia no ônibus. O motorista e os passageiros gritaram, pediram clemência, mas os bandidos, cada um com a sua tarefa, foram todos cruéis.

“Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que *e/le* não era um moço tão cruel assim.”

Esse *e/le* era seu pai.

Todas as manhãs, Maria já acordava ansiosa, amarfanhada nessas coisas, e em seguida lhe vinha à mente um pensamento que a perseguia de modo meticuloso e desafiador: ela se chamava apenas Maria Campos. Era pouco, muito pouco.

Não que ela fizesse questão do sobrenome do pai. Um pai que ela nunca vira, que nem sabia da existência dela, um sobrenome assim não convence, não faz falta nenhuma. “Mas um *nome* é muito importante”, dizia a moça vizinha, que fazia cocô toda manhã, que tinha muito cabelo, comprido e cacheado, pais que andavam de mãos dadas, e, troféu dos troféus, ganhara a medalha de se chamar Valentina Vitória.

– Ei, eu mudei pra cá anteontem. Me chamo Valentina Vitória. E você, como se chama?

– Maria.

– Só Maria?

– Só Maria... O sobrenome é Campos.

– Ou seja, o nome todo é só Maria Campos.

Começara desse jeitinho a primeira conversa entre elas, perto do muro baixo que separava as casas.

Um bem-te-vi fazia a festa numa poça de água da chuva da noite anterior, na parte mais alta do muro, num tijolo esburacado providenciado pela impiedade do tempo, junto à divisa da alvenaria das casas propriamente ditas. O passarinho se banhava, se refrescava, sacudia as penas, era naquele momento a criatura mais feliz daquela cena de apresentações.

– Eu me chamo Valentina Vitória.

Retomou a vizinha nova, ajeitando um nada na blusinha verde-crê.

– E o meu nome todo é Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto.

Ela completara, e depois a fitou firmemente, como certa de que a moça idiota ficaria dilaceradamente triste, traumatizada, angustiada, qualquer coisa assim psicológica.

A moça idiota parecia hesitante.

Então a vizinha quis apressar o drama:

– O seu nome significa “a escolhida”, “a senhora”. Belos significados. Muito lindos mesmo. E mágicos. Eu ficaria muito feliz se

me chamasse Maria. Mesmo que fosse apenas Maria Campos, como você.

E continuou, agora com um ar mais solene:

– O meu nome significa “forte vencedora”. Ou seja, como eu tenho dois nomes, Valentina Vitória, e Valentina significa “forte” e Vitória, “vencedora”, eu...

– Muito interessante. Gostei disso. Ou seja, dona do nome Valentina Vitória, você é uma forte vencedora. Que maravilha.

A moça não era idiota? Dissera essas últimas palavras num tom de felicidade do tamanho do Brasil. Havia ironia também em cada sílaba que pronunciara?

Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto franziu a testa e ajeitou o brinco na orelha esquerda.

Depois desse primeiro dia, elas se encontraram outras vezes; na calçada, na padaria, no largo da igreja, na Confeitaria Oeste de Minas, no Armazém da Cleonice e no Cine Serra da Saudade.

E Maria foi arquitetando a ideia de se chamar de outros nomes, muitos nomes, no intento de ser muitas pessoas, outras pessoas, de viver muitas vidas, de ter todas as experiências que lhe fossem dadas neste mundo velho de água chamado Terra.

O fiapo da ideia surgira no exato momento em que Valentina Vitória dissera que seu nome Maria significava “a escolhida”, “a senhora”.

O sobrenome era pouco. Não mais que Campos. Embora fosse plural, não um campo só, eram infinitos campos talvez, e Maria achasse sonoro, fresquinho e suave o sobrenome Campos. No entanto, ela era a senhora, a escolhida para viver todas as vidas que quisesse, ou as que a vida lhe impingiria, mas a partir dos nomes que ela escolhesse. Faria dos nomes escolhidos as vidas escolhidas. Imagina, seria mágico providenciar destinos, ainda que o intuito fosse brincar com essa história da Valentina Vitória, a de que os nomes das pessoas determinam modos de ser, pensar, sentir, acordar com a avó atrás do toco, meter os pés pelas mãos, dar murro em ponta de faca.

E assim decidiu, depois de várias conversas com a vizinha, a que achava que já possuía toda a riqueza desse mundo, exclusivamente por ter nome duplo e sobrenome comprido, e que lhe ensinara o significado de diversos nomes, tanto femininos quanto masculinos:

“Vou começar por me chamar Zoraida, mulher cativante e sedutora, como explicou a exibidinha.”

Que maravilha. Enquanto se chamasse Zoraida, seria cativante e sedutora.

E então Maria virou Zoraida, para começar a sua história de viver muitas vidas neste mundo horrível e maravilhoso.

Estátua de mãe

Mas antes, teve a ladainha de convencer a mãe de que deveria passar algum tempo fora de Dores do Indaiá. Disse-lhe que acabara de completar dezoito anos, havia sido uma aluna razoável, mas ainda não sabia que curso faria dali em diante; disse-lhe que voltaria quando chegasse a hora do regresso; que a hora de voltar a gente descobre de repente, num momento crucial; disse-lhe também que a amava, que sentiria saudade, mas o mais premente naquela fase da vida era ser todas as moças que ela pudesse ser, a partir dos nomes que ela mesma escolhesse para si, no intento de ser mais senhora de si.

A mãe, coitada, com a pia cheia de louça, perguntou que história é essa de ser todas as moças que ela pudesse ser, como assim a partir dos nomes que ela mesma escolhesse, que ideia é essa, minha filha.

Maria, já um tanto sedutora e cativante, argumentou que passar algum tempo fora da casa materna seria bom, diferente, aventureiro, e com certeza daria a ela Maria muitas oportunidades de aprender muitas coisas, coisas que a pia cheia de louça e a mãe sozinha não podiam ensinar.

Ao ouvir isso, “coisas que a pia cheia de louça e a mãe sozinha não podiam ensinar”, Bernardina ficou parada, virou uma estátua, uma mulher com a espuma de sabão escorrendo pelos braços. Uma travessa escorregou dentro da pia; a sorte é que não quebrou.

Bernardina também com apenas dezoito anos. Já havia perdido os pais, sentia-se totalmente sem rumo, e então quisera conhecer São Paulo. Estivera com a única irmã, mais velha, que morava em Belo Horizonte, que dizia que viajar faz bem, e decidira passar uns dias na maior cidade do Brasil. E estava naquele ônibus.

Cochilara um pouquinho. Sentia-se alegrinha. De repente, a freada brusca. O susto. O pavor.

Minutos depois, enquanto os outros esvaziavam sacolas, bolsas e malas de mão, o mais jovem dos bandidos olhou para ela.

Hesitou por um breve instante.

E obedeceu à ordem do chefe.

Cometeu o crime.

Sua filha também correria riscos?

A estátua se moveu. Continuou a lavar as vasilhas.

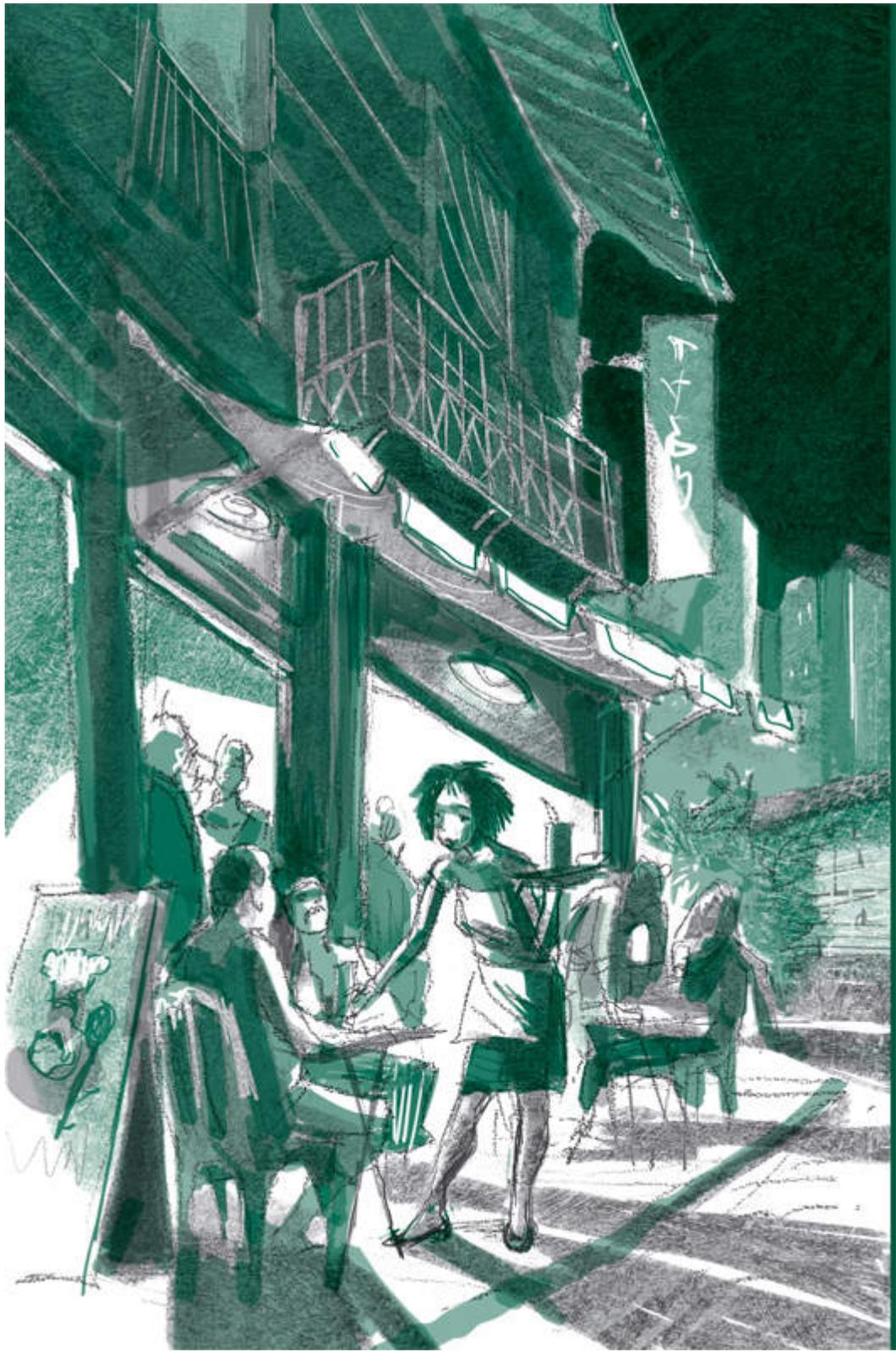
– Vou telefonar pro serviço da senhora. Uma vez por semana, pra dar notícias, combinado assim?

Maria acrescentou que sempre tivera vontade de viajar, de sentir como é estar numa cidade diferente, com pessoas estranhas, saber como resolver coisa ou outra por conta própria, de certa forma ser outra pessoa.

Bernardina teve que concordar. No fundo, ela sabia que a filha um dia lhe diria essas coisas.

E a moça de nome Maria, “a senhora”, “a escolhida”, assim que saiu de casa com a malinha de couro antiga, e na bolsa umas economias dadas pela mãe, caminhou solerte em direção à rodoviária, sabia que de fato já se chamava Zoraida.





A entojada e a idiota

A primeira aventura deu de ser na Cidade Livre, cerrado e poeira com homens que haviam chegado de todas as partes do Brasil, principalmente do Nordeste, todos decididos a construir a capital da esperança, Brasília, nome que parecia o feminino de Brasil, e seria inaugurada como a nova capital, no lugar do Rio de Janeiro, que não gostou nem um pouco dessa substituição.

Zoraida, moça nem feia nem bonita, trabalhava num restaurante simples, feito de tábuas pintadas de azul-piscina.

Nem feia nem bonita. Mas cativante e sedutora. Urdia amizade com todo mundo, de modo respeitoso. E namorou o João, “com a graça de Deus”, porque quis, porque gostava dele, e principalmente porque ele a beijou na boca, de repente, num momento em que estava alheada, sob o céu fulgurante de Brasília, e foi um beijo gostoso, que demorou a terminar.

Uma noite, desfiou uma conversa com a Inês, a dona do restaurante que lhe dera o emprego. Elas estavam exaustas de tanto cozinhar e servir refeições. Haviam se sentado num banquinho enfiado no chão de terra batida e observavam os homens que bebiam no bar do outro lado da rua.

– Engraçado, Zoraida...

– Sim?

– Fui te vendo e pensando: essa aí é gente boa, vai me ajudar na lida, vai ser gentil com os fregueses, vai ser uma boa amiga. Você explicou que tinha perdido a carteira de identidade, que precisava ganhar dinheiro pra poder voltar pra casa, disse tudo isso com tanta verdade, tanto empenho, que eu pensei: essa moça merece minha confiança.

– Você é pura. Acredita nas pessoas.

Zoraida não explicou que isso se devia ao nome Inês que a dona do restaurante carregava. Cuidadosa, não queria que as pessoas de uma hora para outra saíssem pelo mundo afora à cata de todas as pessoas que pudessem ser. Isso seria uma loucura. Sabe-se lá no que isso resultaria, afinal.

Era melhor ser egoísta. Tinha a impressão de que a vida exigia que ela fosse egoísta.

Zoraida esticou as pernas, os braços, para alongar os músculos e depois se desleixar um pouco. Viu que Inês cerrou os olhos.

– E a nova capital, hem, Inês? Vai ser inaugurada daqui a oito dias...

– 21 de abril de 1960. Essa data vai ser muito importante. E nós duas estaremos aqui, testemunhando tudo.

– O Juscelino vai descer de helicóptero, ouvi dizer.

– Conforme for, eu vou aparecer lá na hora...

– O Guido vai levar um mundaréu de gente na caminhonete dele. Pede pra ir na boleia, boba.

– Vou fazer isso, sim. Não vou perder a inauguração de Brasília de jeito nenhum. E você? Vai ficar aqui sozinha?

– Vou aproveitar pra imaginar o que vai ser de Brasília daqui a 30, 50 anos. Vou ficar só imaginando... Foi tanto serviço esses dias que eu deitava na cama e ferrava no sono, quase que não pude imaginar nada, sabe?

– Pra que ficar imaginando? Ainda mais sobre um tempo que ainda vai demorar tanto a chegar!

– Eu gosto de imaginar. Vou ter que me esforçar bastante, pensar em tudo o que pode acontecer dentro de 30, 50 anos.

– Pode acontecer tanta coisa, eu hem.

– Vou ficar imaginando, uai.

Inês abriu os olhos e a fitou, com um sorriso. E disse:

– Nasceu pra sonhar, mocinha? Eu prefiro a prática.

– O sonho também é uma boa prática.

Zoraida percebeu que dissera uma frase complicada, mas que fazia parte dela Maria, dela filha de uma cozinheira e de pai desconhecido, uma frase que era a sua alma, talvez. Ficou repetindo para si mesma, para só ela ouvir, "o sonho também é uma boa

prática”, e se sentiu ainda mais cativante e mais sedutora. Então sorriu para Inês e falou:

– O sonho do Dom Bosco, por exemplo, o sonho dele foi esta cidade que vai ser inaugurada.

– Tem razão, é mesmo...

Afirmou Inês, e se levantou depressa, bagunçou-lhe o cabelo à guisa de carinho, e foi indo em direção ao banheiro que era um cubículo apertado, também de tábuas, sem cor de tinta, construído no fundo do quintal empoeirado.

– Vou fazer xixi e me atirar na cama. Estou exaurida. Boa noite, minha amiga.

– Boa noite. Descanse bem.

Zoraida tornou a olhar para os homens que continuavam bebendo no bar do outro lado da rua. Estavam todos animados com a inauguração.

Depois, ela baixou os olhos para os pés enfiados em sandálias de dedo. Tirou as sandálias, esquadrinhou os pés, virou-os, atentou para as solas encardidas, rachadas, horrorosas.

Não, não estava de sandálias de dedo. Estava de tênis, seu velho tênis bom e barato, e estava num ônibus, viajando sozinha. Brasília acabara de ser a primeira cidade que visitara, apenas em sonho, enquanto dormia no ônibus, mas o sonho é uma boa prática, ela dissera, e se lembrou do sonho inteiro, sorriu, Zoraida era mesmo cativante e sedutora, que coisa, cada nome tem a sua magia, diria a Valentina Vitória.

Um dos mais belos e mais terríveis mistérios, a Valentina Vitória.

Que lhe dissera:

– Maria, por considerar a nossa amizade uma coisa muito mágica nas nossas vidas, eu já te falei o significado dos nomes.

– E eu não canso de ouvir. Acho interessante demais cada pessoa ter o destino mais ou menos organizado pelo nome que recebeu. É uma maravilha. Facilita a convivência.

Ela disse, muito séria, muito convincente.

Valentina Vitória tomava sorvete de ameixa. As duas se esbaldando na Confeitaria Oeste de Minas, rua Benedito Valadares. Maria, sorvete de coco.



Diante uma da outra, quase não se olhavam, preferiam observar os rapazes aqui e ali.

– Valentina Vitória, quando eu era bem menininha eu achava que não morreria nunca. Que tudo que tinha ao redor de mim é que podia morrer e que tudo existia pra mim, sabe? Quer dizer, eu imaginava que o mundo à minha volta era só uma coisa que eu tinha inventado. E que eu continuaria vivendo, pra acompanhar todas as vidas e todas as mortes possíveis.

– Você era a dona do poder mágico, a senhora de tudo, a escolhida pra passar imune pela morte e pela vida.

– Desse jeitinho mesmo. Era bem assim que eu me sentia.

– Quando foi que descobriu que o mundo não existe em função da madame?

– Quando a minha mãe me contou a história dela, quer dizer, a parte mais triste da história dela, e que eu sou o resultado dessa parte mais triste.

– Por favor, Maria, não me conte essa parte.

Pediú Valentina Vitória, terminando de tomar o sorvete de ameixa. Seus olhos se apertaram, depois ela piscou várias vezes, e em seguida desviou o olhar para o teto.

Maria pensou: “Que moça vencedora e forte é essa que não dá conta de ouvir uma parte triste de uma história?” E depois se lembrou: “Ela explicou que o nome não garante tudo, que complicação, ai-ai”.

– Me diga apenas o nome da sua mãe.

Disse Valentina Vitória, tornando a olhar para os rapazes na confeitaria.

– É Bernardina.

– “A que é firme, resistente.”

– Minha mãe é mesmo firme e resistente.

– Que coisa mágica, Nossa!

E Valentina Vitória, ainda atenta aos rapazes, acrescentou:

– Isso não garante que toda Bernardina seja o tempo todo resistente e firme... A mágica não é simples assim.

– Eu sei. O nome apenas ilumina. O nome é um farol.

Disse Maria, no mesmo tom de solenidade.

– Muitas coisas podem acontecer, a partir de um nome.

– Eu sei. Porque cada pessoa é uma besta, uma vaca desenfreada, um cavalo doido, um bezerro enfezado, uma cobra caninana, um tigre desmilinguido, uma onça atizada, um cachorro pulguento, um gato selvagem, uma arara sórdida, uma coelhinha assustada.

– Nossa! É mágico quando você abre o jardim zoológico...

Até as casquinhas dos sorvetes haviam terminado e elas limpavam as mãos em guardanapos.

– No primeiro dia que te vi, te achei a moça mais entojada do planeta.

Disse Maria.

– Já eu te achei a mais idiota.

Disse Valentina Vitória.

As duas riram. Riram muito.

Maria outra vez se lembrou de Brasília, o lugar de que a vó Duca tanto falava. Num sonho ela viajara para Brasília, a cidade que nasceu de um sonho.

Num sonho. Numa lembrança.

Com o nome Zoraida.

Uma nuvem de poeira foi baixando.

E virou um redemunho.

Zoraida viu que um dos homens do outro lado da rua já estava completamente bêbado e dizia coisas obscenas, olhando para ela. Ele dizia em voz alta. Ela ouvia, complacente. Aqueles homens estavam construindo uma cidade inventada. Tinham deixado a família longe e até podiam inventar que eram livres e felizes.

Ela se levantou e entrou no quartinho que ficava de pareio com o banheiro, nos fundos do quintal empoeirado.

Encontrou a avó com um terço na mão, ajoelhada diante de Nossa Senhora do Loreto. Que dizia para ela:

– Duca, não tem cabimento terem construído a minha igreja de costas pra Morada Nova. Me puseram de costas pra cidade, olha só que povo mais ignorante.

Ela iria atrapalhar a conversa das duas. Mas já estava na hora de se deitar e dormir.

– Desculpe, vó...

Dona Duca não se incomodou, dando prosseguimento à conversa com Nossa Senhora do Loreto, que era a padroeira de Morada Nova.

– Mas minha Nossa Senhora, o que eu posso fazer quanto a isso?...

– Providencie um abaixo-assinado! Faz a cidade inteira pedir pra mudar a frente da igreja! É bem melhor eu ficar de frente pras pessoas, não acha?

Zoraida sorriu. E ajeitou o lençol na cama.

Dona Duca:

– Acho bobagem isso. A igreja já está pronta faz tanto tempo. Foi construída assim, fazer o quê. Ficaria muito caro mudar a frente dela. Além do mais, pelo que eu sei, a Senhora pode ver tudo, pode ver o que quiser, mesmo a sua imagem estando de costas.

Zoraida viu que Nossa Senhora pensou um instante e falou:

– Isso é mesmo.

– Deixa eu terminar de rezar esse terço, minha Nossa Senhora?

– Reze direitinho.

Zoraida apoiou a cabeça no travesseiro. Não puxou o cobertor. Não estava frio naquela noite.

Ainda viu que Nossa Senhora olhou para ela, sorrindo. Retribuiu o sorriso. E acompanhou com o olhar o modo comedido e elegante com que Nossa Senhora saiu do quartinho.



Noites e dias difíceis

A segunda aventura era São Francisco, não da Califórnia, lógico, mas do norte de Minas.

Lá ela se chamava Teresa, “a que carrega as espigas de trigo”. Quer dizer, naquela vida ela seria uma moça prestativa, prestimosa, a que chega aos lugares trazendo as coisas de que as pessoas mais precisam. De algum cantinho de dentro dela, tiraria essa pessoa, no exercício de que o nome traria a moça.

Quando descera do ônibus, e encontrara aquela cidade que tinha o nome do rio e do santo, sentira-se absurdamente disposta. “Isso é mágico”, diria a Valentina Vitória.

Depois de estagiar durante quinze dias, começou a trabalhar como enfermeira voluntária de um hospital pobre, de poucos recursos; trabalhou dias e noites, o tanto quanto pôde. Emagreceu três quilos.

Ficou amiga e depois virou namorada de um rapaz chamado Vinícius, “aquele que está nascendo”, que era também enfermeiro e tinha mania de limpar os óculos a cada cinco minutos, com uma flanelinha azul que tirava do bolso do canto direito da parte de cima do uniforme.

- Boa noite, Teresa. Tudo joia?
- Boa noite. Tudo joia. Quer dizer, tudo bijuteria bem baratinha.
- Pois é... Pronta pra ficar no meu lugar?
- Sim, claro.
- Mas, antes, vamos conversar um pouquinho? Enquanto você termina de organizar esses medicamentos...

Teresa sorriu para ele:

- Gosto muito de conversar com você.
- Obrigado. Com você eu fico mais solto.
- Mesmo?

- Sou muito tímido, você sabe. Muito desajeitado também.
- Também muito atencioso.
- Eu...
- Muito atencioso mesmo. Qualidade que eu admiro.
- Teresa, eu...

Vinícius era tímido. Desajeitado. Mas aquele elogio da Teresa lhe deu coragem. Uma coragem súbita e bem oportuna. No instante em que ela ergueu a cabeça para retirar de uma das prateleiras do armário algumas caixas de medicamentos, ele, que era mais alto, apenas virou a cabeça e a beijou na testa.

Depois, descendo os lábios, bem devagar, beijou-a na boca.
Foi um beijo intenso.

Foram muitos os encontros, na hora em que trocavam de turno.

Houve muitos beijos.

Mas também houve coisas tristes. Como naquele dia em que Teresa encontrou o namorado visivelmente abatido, desolado, nem limpava os óculos a cada cinco minutos.

- Oi, Vinícius... O que houve?!
- O menininho da enfermaria 12.
- O Tadeuzinho? Meu Deus...
- Foi de madrugada. Três horas da manhã. Acabou.
- Ele...
- Disse uma coisa, antes de ir.
- O que foi que ele disse?
- Que estava cansado, muito cansado.

Teresa ficou pensando naquelas palavras. Um menino de apenas oito anos dizia que estava cansado, muito cansado.

Então ela beijou o rosto do Vinícius e foi começar o seu plantão.

Foi um plantão sofrido, porque o Tadeuzinho não saía de perto dela.

- Teresa, conta mais uma história pra mim.

O Tadeuzinho puxava-a pela barra do uniforme. Ela precisava cuidar dos outros pacientes, aqueles que ainda podiam melhorar,

alguns tinham chance até de ficarem curados.

No princípio, ela fez de conta que não o ouvia. Fazia tudo o que precisava ser feito, cumpria a sua lida, fingindo que estava alheia àquele pedido insistente: “Conta mais uma história pra mim”.

Mas o Tadeuzinho começou a desamarrar o cadarço do tênis dela, serviu-se desse expediente várias vezes, ela amarrava e dali a pouco ele desamarrava, o que a atrapalhava na hora de se mover de um lado para o outro. Então Teresa teve que falar com ele:

– Ô Tadeuzinho, você não vivia dizendo que estava cansado? E agora que morreu, não para de andar atrás de mim! Me deixa trabalhar, menino...

– Eu quero ouvir mais uma história.

O menino estava de macacão de brim vermelho, e a camiseta por baixo era listradinha de azul e amarelo. Vestia roupas novas. E parecia ter acabado de sair do banho.

– Tadeuzinho... Eu preciso aplicar injeção e fazer curativos.

O menino enfiou as mãos nos bolsos do macacão e fitou-a de modo sereno e afável:

– Eu quero mais uma história, Teresa. A última, está bem?

Ela se conformou. Enquanto cuidava dos outros pacientes, contou uma história longa, triste e bonita. O Tadeuzinho ficou satisfeito. Os outros pacientes também gostaram muito de ouvir a narrativa triste e bonita.

Quando a história terminou, o Tadeuzinho, “uma oração de graças”, deu um beijo na mão de Teresa, no exato momento em que ela ajeitava o lençol de uma cama. Em seguida, saiu correndo. Teresa nunca mais o viu.

Foram noites e dias difíceis. Teve que aprender a lidar com vários tipos de sofrimento. Era aquela mulher que chegou toda serelepe para dar à luz e acabou morrendo no parto; o neném ficou no hospital, sem que ninguém viesse buscá-lo, até que um dia apareceu uma tia-avó que o levou, não sem antes reclamar que já criava quatro filhos e agora teria mais uma boca para alimentar. Era aquele velho que gemia baixinho, quando a dor aumentava. Era aquela menina que sabia que ia morrer brevemente, a madrasta

batia nela todo dia e dessa vez tinha cravado uma tesoura nos olhos dela, o ferimento virou uma infecção que não sarava, e então ela repetia, repetia: “Não nasci pra durar muito, Deus precisa de mim lá no céu”.



Teresa conviveu com todas essas coisas, dedicadamente. Fazia os curativos com esmero, aliviava as dores com remédios e histórias, cantava, rezava. Aos poucos, virou uma enfermeira muito querida, porque estava sempre disposta a “levar as espigas de trigo” para todas as pessoas que das espigas de trigo precisassem; pessoas que queriam continuar vivendo ou apenas morrer em paz.

Então ela já se chamava Teresa Zoraida Maria Campos.

Um dia, teve que se despedir do Vinícius:

– Até não sei quando, viu?

Ele limpava os óculos na flanelinha azul. Recolocou os óculos e fitou-a com pesar.

– Vai embora mesmo?

– Preciso ir. Imaginei isso mesmo, que eu ficaria aqui algum tempo, e depois eu iria embora.

– Vai conhecer outro lugar.

– Pois é.

– Vou sentir sua falta.

– Também vou sentir sua falta.

– Eu agradeço por tudo. Com você eu descobri que não sou tão tímido como eu pensava que fosse.

– Eu agradeço pelos beijos!

A enfermeira-chefe, de nome Sandra, “mulher que ajuda a humanidade”, nunca chamou a atenção dos dois por causa dos beijos; talvez porque fosse um pouco lerda, talvez porque não visse grande mal nisso, talvez como simples consequência do próprio nome dela.

O perigo e a proteção

A terceira aventura era São Paulo.

Ela andava de metrô, de manhã bem cedo e no fim da tarde. Alugara um quartinho num prédio cinzento de uma rua do centro, um prédio sem elevador e sem porteiro, tinha apenas um zelador que mais importunava os inquilinos do que zelava das instalações do prédio. Mas era o aluguel que ela podia pagar.

– Bom dia, mocinha séria...

– Bom dia.

– Esqueci o seu nome...

– Simone.

– Simone... Sabe que é bonita demais, não sabe?

– Com licença, preciso ir.

Ela corria para o trabalho, com o estômago embrulhando, porque a cara do zelador era repugnante, mais precisamente um copo de vitamina de abacate podre.

Em São Paulo ela era Simone, “aquela que escuta”.

Trabalhava de vendedora ambulante na rua 25 de Março; conseguira o emprego com um senhor alto e gordo que era o dono de diversas bancas de bijuterias e estava sempre de camiseta florida e boné preto.

– Não costumo dar emprego pra uma pessoa que acabei de ver na vida.

O homem alto e gordo comentou, assim que ela se aproximara dele e dissera, sem mais nem menos, que precisava trabalhar.

Ele a fitara demoradamente. Mas Simone não viu nenhum interesse escuso, apenas uma intenção de avaliar se podia confiar naquela mocinha de estatura pequena, cabelo ralinho amarrado para trás e olhos castanhos enormes.

– Vamos ver... Tem alguma experiência?

- Alguma.
- Já fez o quê?
- Cuidei de doentes num hospital.
- Perdeu o emprego por quê?

Simone sabia que essa pergunta começaria a ser feita.

E disse:

- Não perdi. Decidi mudar de emprego.

O homem alto e gordo a fitou surpreso. Virou-se para um lado e conversou qualquer coisa com outra vendedora que estava procurando uma bijuteria que a freguesa havia pedido. Depois, tornou a olhar para ela, em silêncio.

Simone quis saber o nome dele. Quem sabe isso ajudava.

- Por favor, como o senhor se chama?

Ele apertou os lábios, pigarreou. E respondeu:

- Wagner. Com dábliu.

Ela se lembrou do significado. De origem germânica, significava “fabricante de carruagens”. Então aquele homem alto e gordo era “fabricante de carruagens”, que maravilha.

Seu Wagner pensou mais um pouco, falou de novo qualquer coisa com a vendedora que estava meio atrapalhada e demorava a encontrar a bijuteria que a freguesa queria, e depois falou para Simone:

- Você se chama Simone...

- Simone, pois é.

– O emprego é seu. Vai trabalhar comigo durante quanto tempo?

Seu Wagner disse, com o rosto repentinamente calmo, seguro de si.

Ela respondeu:

– Não sei dizer. Mas vou avisar o senhor com antecedência de três dias, está bom assim?

- Combinado.

Seu Wagner concordou, limpando o suor da testa com os dedos da mão esquerda. Com a mão direita, tirou o boné, sacudiu-o um pouco e depois o recolocou. E deu a primeira ordem a ela:

– Ajude a Tânia aqui... Ela está toda atrapalhada, porque a freguesa quer uma bijuteria que lembre uma chaminé... Cada uma que aparece, eta lasca.

Portanto, o primeiro serviço da Simone, “a que escuta”, foi ajudar uma vendedora que se chamava Tânia, “a rainha das fadas”.

A rainha das fadas tinha que encontrar uma bijuteria que lembrasse uma chaminé.

A que escuta a ajudaria nessa tarefa engraçada e maluca.

Trabalhou duro em São Paulo. Seu Wagner era um homem bom, mas exigente, seus ajudantes não podiam ficar parados, tinham que limpar, organizar, mostrar, gritar, de preferência vender, dizer eu que agradeço, volte sempre, em que posso ajudar, escolha à vontade, nossa bijuteria é de primeira, apareceu na novela, todo mundo está usando, bom-dia, boa-tarde, aceita um brinde-surpresa? Basta fazer uma compra a partir de trinta reais.

Simone conversou algumas vezes com a Tânia, sua companheira de banca. As duas revezavam na hora de fazer xixi. Muito raramente, tinham um tempinho para tomar café e comer pão de queijo, as duas muito raramente sentadas em tamboretas.

Uma tarde, choveu forte o tempo todo. Quase não apareceu ninguém.

Tânia era alta, magra, e tinha uma franja espessa e lisa que ela vivia jogando para trás, num gesto ágil e exibicionista:

– Hoje o dia não está muito bom... Também com essa chuva...

– Esse cafezinho quente está uma delícia!

– Vamos aproveitar o pão de queijo também... Gostoso demais...

– Nem me diga... Só o da minha mãe é mais gostoso, viu?

– Daqui a pouco o Seu Wagner manda a gente criar vergonha e voltar pro serviço!

– Ele hoje está bravo.

– Não vai faturar quase nada, ó pobre infeliz! Até parece. Aquele ali tem grana pra dar com o pau. Mas quer sempre mais, é claro. E os burros de carga que se danem.

– Credo, Tânia... Você fala de um jeito do Seu Wagner...

– Você é ingênua demais, Simone. Ainda não sabe nada de cidade grande.

Simone ficou pensando nessas palavras da Tânia. Que ela era ingênua e ainda não sabia nada de cidade grande.

Mas ela estava ali para escutar, para prestar atenção, para tomar conhecimento de algumas coisas.

Numa outra tarde, no final do expediente, quando terminava de auxiliar a Tânia a fechar a banca, Seu Wagner a chamou, tomando-a pelo braço em direção a uma lanchonete do outro lado da rua.

– Vem cá, Simone.

Ela o acompanhou. Seu Wagner pediu dois cafés.

Ficaram de pé diante do balcão da lanchonete. Ele cruzou os braços, pendendo os ombros para frente, e disse:

– Preciso de um favor seu, menina.

Ela tomou o primeiro gole do café. Estava totalmente sem açúcar, como preferia, no intento de não engordar. Mas havia emagrecido demais em São Francisco, então dessa vez resolveu colocar pelo menos duas colherinhas de açúcar. Em seguida, tomou o segundo gole.

– Um favor muito importante.

Seu Wagner falou, depois de colocar seis colherinhas de açúcar e tomar o café quase todo de uma só vez.

Simone então disse:

– Pode pedir, Seu Wagner. Estou às ordens.

Seu Wagner bebeu o restinho do café. Olhou para ela, detidamente. Depois, ponderou:

– Acho que posso confiar em você.

Simone sorveu o terceiro gole do café. E disse:

– Não tenha dúvidas sobre isso.

Ele ajeitou o boné preto, puxando-o mais para trás.

– Vão entregar uma mercadoria amanhã. Às onze da manhã em ponto. Quero que você receba e guarde pra mim.

– O senhor não vai estar aqui?

Ela perguntou, engolindo o finzinho do café.

Ele explicou:

– Vou estar o dia todo ocupado, cuidando de outras coisas. Preciso de uma pessoa de confiança pra receber essa mercadoria e guardar pra mim. Guardar direitinho, e depois de amanhã colocar na minha mão, com toda a segurança.

– Sim, senhor. Pode contar comigo.

O fabricante de carruagens olhou-a sem sorrir, mas com amizade. Virou-se para o rapaz que atendia no balcão e falou:

– Meu peixe, serve mais café pra moça! Café com leite, por favor!

E atravessou a rua carregando aquele corpo alto e gordo dentro de uma camiseta florida e debaixo de uma cabeça com boné preto.

Simone ficou felicíssima com o café com leite. Bebeu-o devagar, saboreando cada gole. E tratou de pensar no que estava acontecendo com ela naquele dia em São Paulo. Havia um mistério nesse pedido do Seu Wagner. Alguma coisa bem esquisita.

Mas ela era Simone, “a que escuta”.

A partir disso, poderia seguir em frente.

A rainha das fadas lhe dera um sinal, um aviso.

Seu Wagner fabricava carruagens.

E ela, a que escuta, havia escutado com atenção: receber essa mercadoria e guardar pra mim; guardar direitinho, e depois de amanhã colocar na minha mão, com toda a segurança.

Enquanto voltava de metrô para o prédio onde o zelador tinha uma cara que era exato um copo de vitamina de abacate podre, Simone ficou assuntando as palavras do Seu Wagner, misturadas com as palavras da Tânia.

O metrô entupido de gente de todo feitio, gente com tudo quanto era modelo de roupa, de sapato, de mochila, de bolsa, de sacola, de cheiro, de feição, de solidão, de cansaço, de desânimo.

Chegou rápido em casa. O zelador nem estava na entrada do prédio.

Ela subiu os quatro lances de escada, tirou a chave da bolsa, abriu a porta, entrou no quarto com banheiro, um cômodo pequeno,

onde só batia sol por volta das duas da tarde.

Naquela noite, o ar estava mais abafado do que de costume. Luzes do prédio ao lado clareavam o quartinho.

Simone pendurou a bolsa no espaldar da cadeira encostada a uma pequena mesa de fórmica. Na mesa, um caderno, um lápis com borracha, uma garrafa de água morna, um pão com manteiga dentro de um saquinho de plástico, bem fechadinho, para não entrar formiga. Ela comeria o pão com manteiga mais tarde. Agora, precisava pensar um pouco mais.

Sentou-se na beira da cama, de frente para a janelinha estreita que dava para o prédio iluminado de muitas cores. Algumas luzes mudavam de cor e jogavam lâminas em seu corpo.



Lembrou-se da mãe, de nome Bernardina. A mãe que era firme e resistira. Engravidara de um bandido que a deixara em pânico, que a forçara a ficar quieta para que ele fizesse o que lhe fora mandado fazer. Cometeu-se o crime, então. Ela não registrou queixa numa delegacia, teve medo e vergonha, naquele tempo não havia delegacias de mulheres. Mas Bernardina preferiu levar a gravidez adiante. Quando soube que seria uma menina, resolveu que lhe daria o nome de Maria e a entregaria para Nossa Senhora. A filha seria afilhada de Nossa Senhora. Portanto, não mais seria apenas o resultado de uma violência, de uma crueldade. Seria também uma consagração a Nossa Senhora.

A mãe lhe dizia essas coisas, vez ou outra. Era bom ouvi-la dizer que ela era afilhada de Nossa Senhora, uma protegida da Mãe Santíssima. Embora não entrasse nas igrejas, gostava de rezar em voz alta ou em silêncio, gostava de saber que sua madrinha era Nossa Senhora; Nossa Senhora que também tinha muitos nomes: Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Lourdes, do Pilar, das Dores, do Sagrado Coração.

Naquela noite em São Paulo, mastigando devagar o pão com manteiga, com o corpo pintado por luzes de diversas cores, Simone conversou com sua madrinha, a que tem muitos nomes. Pediu um adjutório, uma proteção no caso do pedido do Seu Wagner.

No outro dia, chegou mais cedo ao trabalho, meia hora antes. Deu tempo de ver que a Tânia chegara mais cedo também, e ela e o Seu Wagner estavam se beijando, os dois atracados detrás de um dos pilotis do prédio mais próximo das bancas de bijuterias. Era um beijo daqueles, primeira vez que via um beijo assim tão atrevido, tão guloso, tão escandaloso, com as mãos do Seu Wagner nas coxas da Tânia, com as mãos dela abrindo a braguilha da calça dele.

Simone virou-se para outro lado, e viu mendigos, meninos de rua, um cachorro dormindo, um homem de terno cinza que ela já sabia que era traficante; ele conversava com a mulher que forrava um pedaço da calçada onde colocaria calcinhas para vender.

Passaram-se alguns minutos.

Seu Wagner foi embora e Tânia apareceu com o cabelo já penteado, a maquiagem já retocada, a saia e a blusa já ajeitadinhas no corpo.

– Oi, Simone... Chegou agora?...

– Faz pouco tempo.

Tânia começou a organizar as coisas na banca. A franja espessa e lisa era jogada para trás, com agilidade e exibidência. Naquela manhã, estava de brincos novos; duas argolas gigantescas, mas finíssimas, tornavam-se quase invisíveis conforme se mexiam para lá e para cá. Outros ajudantes do Seu Wagner iam chegando, ruidosos.

– Está muito pensativa hoje...

Comentou Tânia.

Simone expressou para ela um sorriso rápido. Depois, começou a ajudá-la no serviço.

Mais tarde, exatamente às onze da manhã, recebeu a encomenda. Quem trouxe foi um homem baixo, atarracado em ombros fortes, mas pernas finas e curtas. Tinha esmalte incolor nas unhas das mãos e os olhos sempre atentos a qualquer movimento ali na 25 de Março.

Simone guardou o pacote na bolsa e rezou de novo, conversou com sua madrinha, a de muitos nomes, pedindo que a polícia não fizesse uma busca naquela manhã.

No dia seguinte, quando entregou a encomenda ao Seu Wagner, avisou que dentro de três dias teria que ir embora de São Paulo.

– Tem certeza?

Seu Wagner enfiou o pacote no fundo de uma sacola cinza e fechou o zíper. Simone respondeu:

– Tenho certeza, Seu Wagner.

Ele pendurou a sacola no ombro, fez menção de se afastar, mas ainda disse:

– Sabe que pode ganhar muito mais dinheiro, se ficar e me auxiliar. Eu gosto muito desse seu jeito discreto. Ele é perfeito pro meu trabalho paralelo, sabe?

Ela ficou pensando nas palavras trabalho paralelo e jeito discreto.

– Eu agradeço ao senhor, Seu Wagner. O senhor me ajudou muito. Me deu emprego, confiou em mim.

Ele sorriu com os lábios apertados:

– Fiz o que pude, minha filha.

E acrescentou:

– Você foi gente fina, vou te dar uma carta de recomendação.

E caminhou em direção ao carro, uma lata velha caindo aos pedaços; “a lata velha é pra disfarçar”, dissera uma vez a Tânia.

Seu Wagner. O fabricante de carruagens. Seu Wagner e sua camiseta florida, seu boné preto. Do jeito lá dele, era um homem bom.

Quando saiu de São Paulo, ela era Simone Teresa Zoraida Maria Campos.

Mas já imaginava o outro nome que teria, quando chegasse a Belo Horizonte.

Na estrada, teve aquele momento em que o ônibus parou bruscamente. Seu coração quase veio à boca.

O motorista havia desmaiado e o passageiro da cadeira número 1, ligeiro e competente, conseguira frear o ônibus, o que evitou uma tragédia.

Então uma mulher alta e loura apareceu na porta do ônibus e disse:

– Eu cuido dele. É o meu marido que eu não vejo faz tempo.

Os passageiros desceram, para descansar do susto, e também para esperar que a mulher alta e loura cuidasse do marido. Afinal, a viagem teria que ser retomada. O motorista precisava se recuperar o mais rápido possível.

Então Simone, assim que desceu do ônibus, aproximou-se de uma casa que tinha só o reboco e duas janelas. Ela procurou pela porta, queria entrar, mas só via as duas janelas.

Os outros passageiros conversavam, comentavam sobre o possível acidente, diziam “tivemos sorte, graças a Deus”, riam,

cantavam, diziam “o passageiro da poltrona 1 é um anjo da guarda”, coisas assim.

Só Simone se interessava por aquela casa construída na beira da estrada, aquela casa no reboco, de duas janelas. Ela ficou procurando a porta. Ficou procurando.

Deu várias voltas em torno da casa.

Não havia porta.

O jeito era pular por uma das janelas, se quisesse entrar.

E então Simone arregaçou o vestido até os joelhos, para poder alcançar uma das janelas e pular para dentro. Pensou, preocupada: “Eu estava de calça comprida, e agora estou com esse vestido largo que me atrapalha, eu nem sabia que eu tinha esse vestido”. Mas deu conta de pular para dentro, embora o vestido fosse mesmo muito desconfortável.

Ao se ver no interior da casa, sentiu cheiro de milho cozido. Ficou com a boca cheia d’água. Onde era a cozinha? A casa era pequena, mas ela não conseguia encontrar a cozinha. Tudo eram quartos. Muitos e muitos quartos.

De repente, achou uma cadeira, ao lado de uma cama.

Pensou em se sentar na cadeira, mas mudou de ideia, ao observar a cama. Nela havia um homem que respirava com dificuldade. Ao ver a filha em sua casa, depois de tantos anos de solidão, aquele homem falou:

– Não volte pro ônibus, porque ele vai pegar fogo.

O homem falara com dificuldade, mas dera conta de avisá-la a tempo.

Simone sabia que aquele era o seu pai. E ele sabia que aquela era a sua filha.

Ela disse:

– Obrigada por me avisar. Não vou voltar pra dentro do ônibus. Mas vou avisar às outras pessoas, está bem? Vou sair daqui depressa e avisar que ninguém pode entrar no ônibus, ninguém, porque ele vai pegar fogo.

Assim ela fez. Pulou a janela depressa, no intento de avisar a todos os passageiros. Iria evitar uma tragédia, graças ao seu pai.

Mas o ônibus já estava em chamas. E não havia ninguém do lado de fora.

Como isso pôde acontecer? Ela pensava.

O ônibus não saíra do lugar. Mal as pessoas entraram, ele pegara fogo. Isso era muito estranho. Ocorrera tudo depressa demais, não fazia sentido. Ela sentia a boca seca, muito seca. Precisava de água, urgentemente. Mas como encontraria água naquele lugar com um ônibus pegando fogo? Dentro da casa sem porta, seu pai não podia sair da cama. Não passava nenhum carro, nenhum outro ônibus. Tudo muito estranho.

Então a mulher alta e loura veio vindo do outro lado da estrada, apoiando nos ombros o marido, o motorista. E disse:

– Não vai descer? Não vai beber uma água?

Sim, ela precisava de água. A boca estava seca, muito seca.

Simone viu que a mulher alta e loura insistia, tocando-lhe no ombro:

– Moça, todo mundo desceu... Não vai beber uma água?

Ela estava no ônibus, e tinha sede, muita sede. Não havia acontecido nenhum incêndio. Não usava um vestido largo. Não entrara numa casa sem porta. Não havia encontrado o pai.



O décimo sétimo andar

Miriam, “a filha desejada”, observava os jardins da praça da Liberdade. E então tinha apenas cinco anos, e havia se perdido da mãe que se enfiara numa das lojas da rua Goitacazes, no centro da cidade.

Minha Nossa Senhora de Fátima, ela era apenas uma menininha e estava perdida. Chorava alto, numa calçada emaranhada de gente.

Um menino se aproximou dela. Um menino bonito e estranho.

– Para de chorar... Está todo mundo te olhando!

Ela chorava bem alto mesmo.

O menino segurou-a pela mão, com delicadeza, e disse:

– Fica calminha... Vou chamar a minha mãe e ela vai te ajudar, espera aí.

O menino se virou para trás, puxou o braço da mãe que estava cumprimentando uma amiga no meio do burburinho.

Miriam viu o rosto da mãe do menino. Era o rosto de uma mulher bonita e estranha.

– Menininha perdida... Fica calminha, minha querida. Eu vou te ajudar.

Ela esgoelou mais alto ainda. Mas depois se acalmou e pediu:

– Por favor, dona... Acha a minha mãe pra mim... Ela está perto, numa dessas lojas...

O menino a orientou:

– Descreva a sua mãe pra minha mãe. Fala direitinho como ela é. A minha mãe vai pedir pra várias pessoas ajudarem a procurar. A sua mãe vai ser encontrada depressa, você vai ver.

Entre soluços, Miriam descreveu a mãe:

– Ela... Ela está com um vestido verde... O cabelo é uma trança que ela arruma pro lado assim... É baixinha... O nome dela é Bernardina. O meu é Miriam...

– Muito bem!

Disse a mãe do menino. Em seguida, falou com várias pessoas dentro da loja mais próxima. Virou-se para Miriam e argumentou:

– Você fica aqui quietinha, bem calminha, que daqui a pouco vão trazer a sua mãe, viu?

Não demorou quase nada mesmo. Uma das balconistas apareceu com a Bernardina, que estava com o rosto apavorado, e quando viu a filha correu e a abraçou com força:

– Minha filha... Minha menina tão desejada... Essas pessoas tão boas me ajudaram a te encontrar... Eu quase morri de medo de nunca mais te ver!

Depois de sentir aquele abraço quente e demorado, sentir o cheiro da pele e da roupa da mãe, Miriam quis dizer muito obrigada ao menino e à mãe dele.

Mas eles já não estavam ali. Já haviam ido embora, a mãe e o menino, bonitos e estranhos, naquela tarde em Belo Horizonte.

Tinha a rua da Bahia. Tinha os bairros Calafate, Carlos Prates, Prado, Gameleira, Amazonas, Pompeia, Funcionários. Tinha a praça Raul Soares.

Uma vez, a mãe disse, diante de uma banca de frutas na calçada perto da Igreja da Boa Viagem:

– Essa fruta se chama maçã. É fruta de rico, minha filha. Não é pra nós.

Ela se aproximou da fruta, sentiu-lhe o cheirinho novo, gostoso, inesquecível. Durante o resto daquele dia, ficou sentindo aquele aroma. “É fruta de rico, minha filha. Não é pra nós.”

Essa fruta se chama maçã. Bernardina explicara. É fruta de rico. Ela esmiuçara. Não é pra nós. Exagerara, porque maçã não é uma fruta barata, tudo bem, mas também não é uma coisa que não existisse para elas. Bernardina tem essa mania de afiançar que a gente só pode ir até ali, só até aquele ponto; Deus me livre de tanto amém, ainda bem que a Maria é mais sonhadora.

Numa outra vez, quando voltavam de ônibus para o Salgado Filho, o bairro onde moravam, a mãe comentou:

– Eu gosto tanto de passear no centro de Belo Horizonte!

Miriam estava sentadinha no colo dela, olhando as coisas que passavam pela janela do ônibus.

– Eu também gosto, viu, mãe?

– Eu desanuvio a cabeça...

Uma mulher casquinou risadinhas nervosas, conversando com o marido. Um homem assobiou baixinho.

Miriam recostou a cabeça no ombro da mãe e cochilou um pouco. Depois, quando já estavam quase chegando à rua Campo Formoso, ela disse:

– Mãe, me fala, a senhora já imaginou o nome do meu pai?

A mãe fingiu que não ouviu a pergunta. Ajeitou a gola do vestidinho dela, aprumou-lhe o cabelinho ralo amarrado para trás.

E mãe e filha desceram do ônibus, silenciosas.

E então Miriam estava sozinha e sozinha desceu do ônibus. Pensou: “Preciso lavar o cabelo”.

Estava na praça Raul Soares. Avistou um rapaz claro, de bermuda xadrez e camiseta listrada, com uma prancheta sobre os joelhos, sentado num banco de cimento.



Aproximou-se. Ficou observando o desenho que ele fazia.

O rapaz não parecia se aborrecer com a presença dela. Continuava com os traços decididos, com o giz de cera.

– Está ficando interessante...

Miriam comentou. O rapaz não disse nada, nem a olhou. Permaneceu atento ao que fazia, distante e absorto.

Os minutos passaram e o desenho ficou pronto. O rapaz afastou a folha de papel, examinou o desenho, depois enrolou a folha, fazendo um tubo e guardando-o dentro de outro tubo maior e rígido. Abriu a mochila esfolada, tirou uma pasta e de dentro dela um bloco e do bloco puxou uma folha de papel. E começou outro desenho, ainda sem olhar para Miriam.

Ela deu as costas para ele, durante um certo tempo. Ficou observando outras coisas na praça Raul Soares. Depois, tornou a fitá-lo. E perguntou:

– Fala português?

O rapaz sorriu, fitando-a com os olhos mais negros que ela já vira.

– Falo mineirês. Serve?

Ela também sorriu.

– Me desculpe... É que hoje estou confusa com Belo Horizonte... Queria uma informação.

– Pode perguntar.

Ele disse, voltando a fazer os traços no papel.

– Onde fica o Mercado Central? Sei que é aqui perto, mas...

Sem erguer os olhos, ele explicou:

– Está pertinho. É ali mais à frente, entre a Augusto de Lima e a Goitacazes. É só seguir em frente. Quando comer um biscoito de queijo, lembra de mim. É o meu preferido lá no Mercado Central.

– Muito obrigada, viu? Boa sorte.

Ela falou, não sem antes dar uma espiada no novo desenho. Estava aparecendo o rosto de um homem velho, de olhos enrugados e tristes.

O rapaz a fitou com aqueles olhos negros que ela nunca mais esqueceria:

– Ouvir e ver uma mocinha tão compenetrada me desejar boa sorte já foi muita sorte pra mim. Muito obrigado.

A voz dele era rouca, de uma rouquidão macia, agradável de se ouvir.

Ele ficou olhando para ela.

Ela ficou olhando para ele.

Miriam nunca mais esqueceria aqueles olhos negros, aquelas mãos inteligentes, aquela voz rouca, aquele rosto de um homem velho, de olhos enrugados e tristes, aquele rapaz que criava aquele velho, aquele banco, aquela praça, aquele dia em Belo Horizonte.

Dali mais uns minutos ela já percorria os espaços do Mercado Central. Via as bancas de frutas, de verduras, doces, queijos, carnes, peixes, cereais e pimentas. Quando se deteve diante de um balcão, pediu café e biscoito de queijo, pensou no rapaz da praça Raul Soares, já sabia que se lembraria dele, para sempre se lembraria, e começou a sentir saudade da voz dele, dos olhos dele, das mãos dele, de alguma coisa que poderia haver, embora tivesse medo de que nada mais haveria entre eles dois.

Embora não tivesse medo de que alguma coisa pudesse haver entre eles dois.

Quando chegasse ao apartamento da tia Marta, “aquela que reina em casa”, conversaria um pouco com a tia, tomaria uma sopa e depois dormiria.

Estaria exausta. Mas muito contente.

Valentina Vitória era uma lembrança que sempre voltava.

Elas no Cine Serra da Saudade, Dores do Indaiá. Ia começar o filme *Lisbela e o prisioneiro*. Maria e Valentina Vitória estavam ansiosas, agitadas, quase endoidecidas, de tanta alegria de estarem no cinema.

– Dizem que a história é linda demais da conta...

Comentou Maria, trêmula.

– Uma linda e mágica história de amor...

Comentou Valentina Vitória, com risinhos de felicidade.

Dividiram um saquinho de pipocas. O filme passou na tela.

Elas ficaram com os olhos iluminados.

Quando saíram do cinema, ao atravessarem a rua, Maria falou:

– Me apaixonei pelo Selton Mello.

Valentina Vitória:

– Larga a mão de ser boba, Maria.

Chegaram ao outro lado da rua, entraram na Confeitaria Oeste de Minas. Escolheram uma mesa perto de uma janela e pediram dois sucos de laranja.

– Me apaixonei pelo Selton Mello.

Maria repetiu, depois do primeiro gole do suco.

Valentina Vitória ainda sem começar a beber:

– Está falando sério? Aconteceu uma magia?

– Claro. Você sabe que sim.

– Você é imaginosa demais da conta, Deus me livre.

– Eu ainda vou me encontrar com ele! Com o Selton Mello!

Valentina Vitória adorava fazer a caveira da Maria, e então perguntou:

– Vai contar pra ele que você é preguiçosa? Que é bagunceira? Que é plasta? Que enfia o dedo no nariz pra tirar meleca? Que só estuda na véspera da prova? Que passa mais de cinco dias sem lavar o cabelo? Que rói unha? Que é egoísta? Que é invejosa? Que nunca aprendeu a fazer conta de dividir com mais de dois números? Que tem vergonha do cabelo pouco e ralinho? Que é jeca da roça? Que é pobre-pobre de marré-derci?

– Vou dizer que me apaixonei por ele, e depois vou me afastar, toda louçã, e a vida terá sido esplêndida.

Maria afirmou, sorrindo, e ficou tomando o suco de laranja, bem devagar.

Valentina Vitória meneou a cabeça:

– A vida terá sido simplesmente mágica.

E com o canudinho bebeu rápido, de uma só vez, todo o suco de laranja.

O apartamento da tia Marta era pequeno, mas confortável. Ficava no décimo sétimo andar e tinha uma vista estupenda da avenida Amazonas.

Miriam havia se deitado fazia tempo, mas não conseguia dormir. No outro quarto, a tia Marta já devia estar no oitavo sono.

Era uma noite nem fria nem quente. Era o apartamento da tia Marta. Era o décimo sétimo andar de um prédio no Barro Preto, com uma bela vista da avenida Amazonas. Era cedo para voltar. Era uma tentativa de vida que pudesse ser relatada com os pormenores que escolhesse. Era estranho. Era verdadeiro. Era estúrdio. Era o início da saudade do rapaz da praça Raul Soares, o rapaz dos olhos negros, da voz rouca e das mãos inteligentes. O rapaz que em vão ela procurou outras vezes na mesma praça. Em diferentes horários. Ele não esteve mais lá. Era bom e era difícil ser Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos.

– Entra, Miriam.

Tia Marta convidara, com os braços apoiados na escrivaninha. Diante dos olhos, um livro aberto.

Miriam estava indo em direção ao seu quarto, e para isso tinha que passar defronte ao quarto-biblioteca da tia Marta. Aquele quarto cheio de prateleiras com livros de cima a baixo.

– Outra hora, tia...

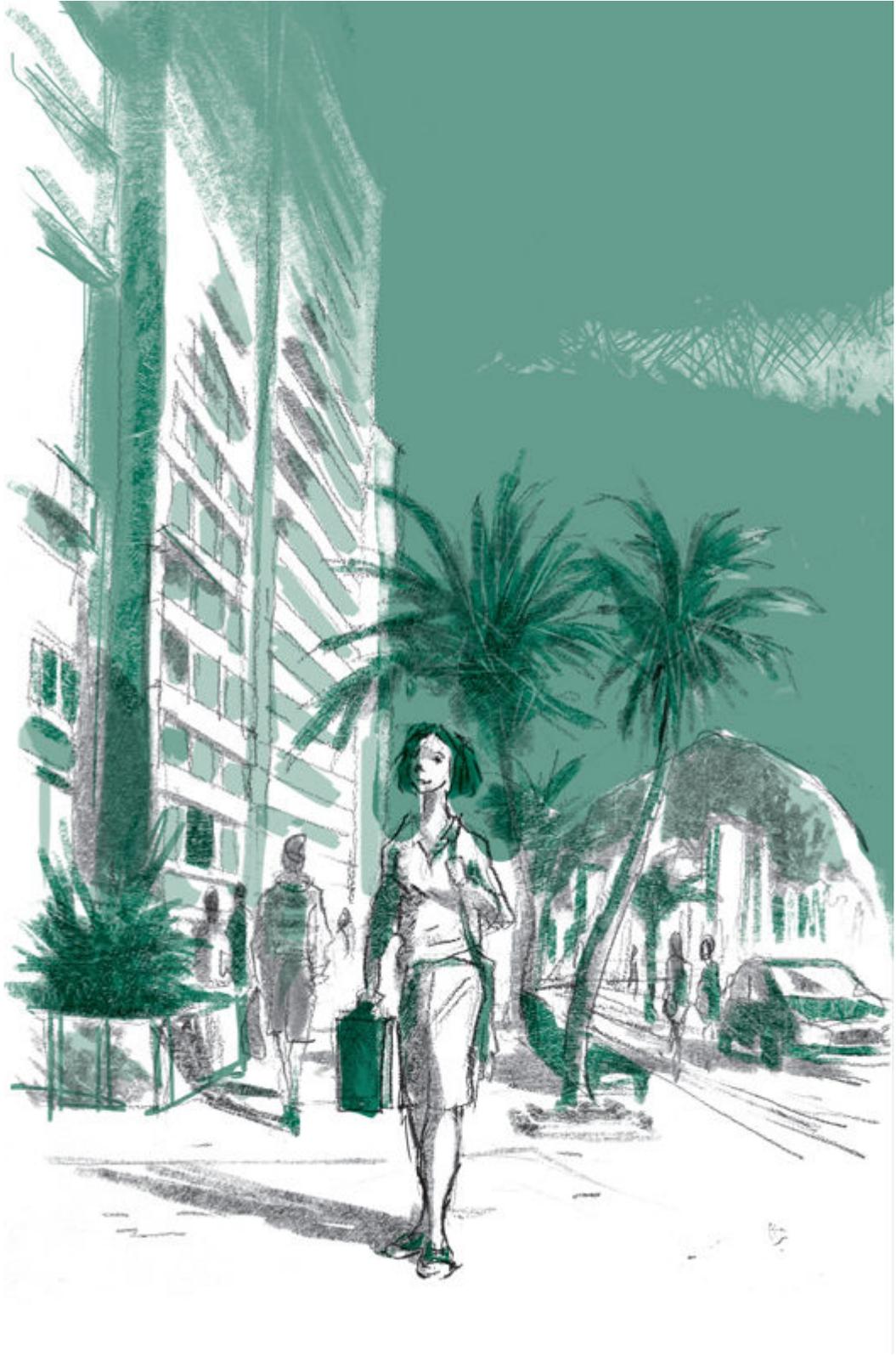
Ela sempre dizia outra hora, quando via a tia no quarto-biblioteca. Conversava com a tia Marta, mas só quando estavam na cozinha ou na sala. Quando percebia que ela estava naquele quarto, sentia preguiça de conversar. Entrar sozinha ali então, de jeito nenhum. Ali estava o mundo da tia Marta, suas coisas, seus livros. Não adiantava a tia insistir:

– Pode entrar, minha querida... Fique à vontade... Tem tanto livro bom!

Ela não entrava. Até parava um pouco, encostava metade do corpo na porta, olhava de esguelha para as prateleiras, via um ou outro livro de longe, via o jeito como a tia Marta segurava o livro que estava lendo, parecia que o livro era um namorado que ela ia beijar e abraçar; examinava o modo como ela se sentava com as costas retas, os pés apoiados num banquinho, tia Marta sempre cuidadosa com a postura do corpo. Mas esse instante à porta

daquele quarto não durava muito, Miriam ia depressa para o próprio quarto e continuava a imaginar suas coisas, suas vidas.





A oitava visitante

Um dia, chegou a aventura do Rio de Janeiro.

Então ela era Nídia, de origem latina, “pássaro recém-saído do ninho”.

Ainda no ônibus, quando faltavam umas duas horas para chegar à cidade onde a família real portuguesa aportou em 1808, ela começou a pensar nisso, que já fazia duzentos anos que a corte chegara ao Rio de Janeiro. Dava um desadorno, um arrepio sofrido pensar na Dona Carlota Joaquina e no Dom João, mais os tripulantes, os fidalgos, os funcionários públicos e os criados, todos eles cansadíssimos, estropiados e ansiosos, desembarcando no Rio de Janeiro. Estavam fugindo de uma invasão do Napoleão Bonaparte. Ela ficou imaginando a confusão que foi a viagem deles em alto-mar, até chegarem ao Brasil. Muitos tiveram que raspar a cabeça, por causa de epidemia de piolho. Ficou imaginando a confusão que foi a chegada, os primeiros dias numa cidade sem nenhum conforto, tão longe da Lisboa deles. Nídia ficou imaginando os sentimentos misturados daquela época, os sentimentos de raiva, de saudade, de nojo, de medo, de solidão, de expectativa, de exploração, de domínio, de revolta, de roubo, de injustiça, de violência, de vingança, de miséria. São os mesmos sentimentos que ainda temos por aqui, ela pensou. Um dia, alguns meses mais tarde, com um sorriso suave, enquanto estivesse se sentindo de novo num cenário de filme, pensaria também no nome completo do Dom João: João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael de Bragança. Quantos e quais significados?

Na rodoviária, pegou um ônibus chamado de metrô de superfície, desceu na estação Largo do Machado e pegou o metrô de fato. Desceu na Arcoverde e caminhou até a rua República do Peru, quadra da praia. A tia Marta tinha um quarto e sala num dos prédios

ali, um pequeno apartamento com um terracinho de onde se via o Cristo Redentor.

Era um luxo aquilo. Ter uma tia que tinha um apartamento em Copacabana.

Tia Marta a surpreendera quando ela estava se despedindo, quando ainda era Miriam. Sorridente, de repente anunciou:

– Maria, quer dizer, Miriam, você mudaria o próximo destino? Iria pra uma aventura diferente do que havia planejado?

Miriam estranhou a pergunta, mas respondeu rápido:

– São Gonçalo do Abaeté tem um nome lindo, eu sempre quis ir pra lá, mas posso escolher outra cidade...

– Eu tenho um apartamentinho no Rio! Comprei faz pouco tempo, pra investir, sabe?

Ela estava acabando de fechar a mala de couro antiga.

– No Rio de Janeiro? Não acredito, tia...

Tia Marta ajeitou-lhe a bolsa no ombro, olhou para a mala e comentou:

– Me veio essa ideia agora, de você mudar o rumo da sua viagem... Dizem que isso faz bem pra saúde mental, a gente ter capacidade de mudar o rumo da nossa vida, de repente, seguindo uma intuição, sabe? Mas essa sua mala... Muito desconfortável, não acha? Chegando lá no Rio, você vende essa preciosidade pra uma loja de antiguidades, vai dar um bom dinheiro, e daí você compra uma mochila. E ainda vai sobrar muito dinheiro, você vai ver!

Miriam sentiu uma alegria sem tamanho inundar-lhe o corpo de uma deliciosa inquietação:

– A senhora está...

Tia Marta a beijou na testa. E falou:

– Estou te emprestando o meu apartamentinho em Copacabana pelo tempo que quiser. E vou continuar pagando as despesas de condomínio, luz e gás. Você só vai gastar com a comida... Que tal?

Miriam abraçou e beijou tia Marta, com o coração aos pulos.

E célere tia Marta já estava correndo até a cristaleira; de lá tirou a chave, o endereço e um mapa guardados numa tigela de porcelana.

Miriam pensou: “Essa tia Marta é uma figura, não é nada boba, olha só, sabe usar a pequena herança do falecido, já tem esse apartamento em Belo Horizonte e agora comprou um no Rio de Janeiro, e vive sempre tão animada, dá gosto de ver”. Miriam pegou o mapa, a chave e o endereço, colocou-os na bolsa, deu outro abraço na tia, e disse:

– Tia do céu, que presente mais lindo a senhora está me dando... Deus lhe pague. Será que eu consigo comprar a passagem pra ainda hoje?

– Claro que consegue. Tem vários horários pro Rio.

– Eta bondade... Que bom mudar o destino da viagem assim de repente!

Tia Marta então falou:

– Só te peço uma coisa em troca...

– O que a senhora quiser, viu?

Tia Marta a fitou longamente, depois sorriu e fez o pedido:

– Quero que vá ao Real Gabinete Português de Leitura.

Miriam achou graça no pedido. Era bem a cara da tia Marta mesmo. Ela que tinha um quarto com livros, prateleiras e mais prateleiras cheias de livros, uma biblioteca dentro de casa, uma livraiada sem fim.

Demorou só um instante, mas Miriam prometeu:

– Combinado, tia. Irei, sim.

– Entrará e ficará lá dentro por alguns instantes?

– Claro, tia... Com muito gosto. A senhora está pedindo e a senhora merece que eu faça tudo o que me pedir.

Tia Marta estendeu as mãos e apoiou o rosto de Miriam entre elas. E disse:

– Fica na rua Luís de Camões, viu? No centro. Você desce na estação Uruguaiana. Qualquer dúvida, olhe o mapa.

– Gabinete de Portugal...

– Real Gabinete Português de Leitura.

– Real Gabinete Português de Leitura. Está bem, tia. Rua Luís de Camões, já decorei.

Não custava nada fazer esse gosto para a tia Marta. Entrar no tal Gabinete de Portugal, quer dizer, entrar no Real Gabinete

Português de Leitura, ficar lá dentro por alguns instantes, tudo certo, tudo bem, não tomaria muito do seu tempo, e uma tia assim merece qualquer sacrifício.

Agora ela estava no apartamentinho carioca da tia Marta. Entrara devagar, para se surpreender devagar, ao perscrutar a pequena cozinha, mas que continha fogão, geladeira, pia, um armário com panelas, talheres, copos, pratos, o essencial para preparar refeições; ao ver o pequeno banheiro, mas com espelho, pia e tanque, até uma cortininha de plástico dividia o piso onde ficava o chuveiro; ao entrar no quarto conjugado com a saleta e depois amar o terracinho que era mesmo uma beleza. Dali ela poderia ver o pôr do sol, enquanto contemplava o Cristo Redentor, uma maravilha e tanto.

Deixou a mala aberta ao lado da cama. Não, não tomaria um banho tão depressa.

Ficou no terracinho, sem pressa, fitando o Cristo Redentor.

Pensou na mãe, na parte mais triste da história delas, pensou em si mesma, Nídia, um pássaro que acabou de sair do ninho.

Depois do almoço, é sempre bom andar um pouco, para “desenvolver o intestino”, como dizia a mãe.

Ainda mais ali no Rio de Janeiro, com aquele calçadão de Copacabana, aquela curva de praia tão linda e famosa, Nídia não podia perder a oportunidade. Assim que terminou o primeiro almoço, arroz cozidinho com inhame e ovo frito, coisas que ela comprara num mercadinho próximo, e preparara rapidamente, Nídia foi caminhar no calçadão.

Levou apenas a chave do apartamento e um dinheirinho para água de coco, dentro do bolso da bermuda branca. Estava de blusinha branca e sandálias de dedo. Sabia que no Rio é melhor a pessoa andar com muita simplicidade, para não atrair assaltantes. Sabia também que isso vale para qualquer cidade grande.

E então ela estava em Copacabana e se chamava Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos.

Começou a sua primeira caminhada no calçadão de Copacabana. Ela, um pássaro que tinha acabado de sair do ninho, foi logo observando um homem triste, pensativo, sentado diante de uma mesinha onde colocara vários grãos de arroz. Ao lado da mesinha havia um cartaz: *escrevo seu nome no arroz*.

Ela ficou olhando para o homem, para o trabalho inusitado dele. Então ele consegue escrever o nome de uma pessoa, com a sua canetinha, num minúsculo grão de arroz? Que trabalho difícil. Numa página tão pequena um nome.

Nídia viu que ninguém se aproximou dele, enquanto ela continuou caminhando, e de vez em quando se virava para olhá-lo.

Durante uma hora, naquela tarde de sol e céu magnífico, com a praia cheia, ninguém se aproximou daquele homem triste.

Escrevo seu nome no arroz, ele oferecia. Era o trabalho dele, a aventura dele. Ara mas tá. Ninguém se aproximava, porque a maioria das pessoas deve pensar assim: "Ver meu nome escrito num grão de arroz pra quê? Isso não me serve pra nada!" Certamente, só algumas pessoas, de vez em quando, devem querer parar um pouco, pegar esse grão de arroz e ver dentro dele o mundo inteiro, porque dentro dele existe um trabalho, uma ternura, um esforço. Nídia ficou pensando nessas coisas, enquanto caminhava. Foi até o Forte de Copacabana. Ao começar a caminhada de volta, viu várias pessoas tirando fotos ao lado de uma estátua sentada num dos bancos, de costas para o mar.

Não teve curiosidade de saber quem era aquela estátua. Só viu que era de um homem. Certamente um homem importante, porque muita gente se fotografava ao lado dele, sentada junto a ele, ou olhando imponente para ele. Devia ser um homem famoso.

Nídia não procurou saber quem era. Teve preguiça.

Continuou a andar de volta para o apartamento.

Ao atravessar a avenida Atlântica, em direção à rua República do Peru, viu um rapaz de cabelo anelado que passou de bicicleta; de súbito ele lhe lembrou o Selton Mello, embora fosse magro demais. Então Nídia ficou saboreando a paixão que sentia pelo Selton Mello, essa paixão docinha que veio junto com o filme *Lisbela e o prisioneiro*. Um dia, ela veria o Selton Mello de verdade. Sabia disso.

Sabia. E se deu conta, subitamente, de que nunca havia pensado no significado do nome Selton. Será que era um nome inventado? Um entrelaço de nome de mãe com nome de pai, como por exemplo o nome da filha do farmacêutico da Dores sem dores, na rua Camanducaia: Maricéu. No caso, não era simplesmente um conjunto de mar e céu, tinha também o nome da mãe – Ceumira – e o nome do pai – Marino. O nome Maricéu carregava muitos significados: o nome Maria, o “mira” de olhar, mais os tantos significados marinhos e celestiais. Decerto, o nome Selton era também uma elegante combinação de nomes que carregavam muitos e muitos significados. Ela começou a imaginar. Ton de Nilton? De Cleiton? Ou Ton de Antônia? Sel de Selmara? Podia ser tanta coisa... Que vontade de descobrir, ela se atçou, e intimamente soube que um dia descobriria. Sabia disso. Sabia.

Um vento fresco e suave passeou-lhe no rosto já um pouco vermelho de sol.

Conseguir serviço no Rio de Janeiro foi mais difícil do que nos outros lugares, mas Nídia começou a trabalhar na segunda semana, quando ainda tinha algum dinheiro das economias dadas pela mãe.

“Então o seu nome é Maria, mas você prefere ser chamada de Nídia... É seu apelido?” Perguntou o dono da padaria na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Ela disse que sim. E mostrou a ele as referências do hospital em São Francisco e do Seu Wagner da 25 de Março. “Eu posso trabalhar de graça na primeira semana, pro senhor avaliar o meu serviço, e aí...”



Ela conseguiu o emprego. Naquelas aventuras, emprego não lhe faltou, e trabalhava com todo o esmero, toda a boa vontade, e acabava conquistando o trabalho pelo resto do tempo. Parecia até mágica isso, diria a Valentina Vitória. Mas Maria apenas sabia ser eficiente, sabia conquistar e preservar qualquer trabalho.

Seria pelo fato de na certidão de nascimento estar escrito Maria? A escolhida, senhora de si.

Nídia ria baixinho, sozinha e contente.

Seu Anselmo, “aquele que é protegido por Deus”, era um homem magro, esquivo, arredio, quase sisudo. Tinha profundas rugas na testa, um bigode espesso e uma boca que mais parecia um fino risco, um risco bem fino mesmo. E Seu Anselmo não sorria. Nídia nunca viu os dentes dele.

– Está se saindo muito bem, Nídia.

Ele dizia, de vez em quando, depois que ela terminava de forrar as mesas, por exemplo.

– Você sabe lidar com os fregueses.

Ele disse numa manhã, quando ela deu conta de entender o que uns alemães queriam comer. Não que Nídia falasse alemão, mas ela sabia ler os gestos e o olhar das pessoas, nem ela saberia explicar como sabia fazer isso, mas sabia.

– Nídia, o emprego é seu.

Seu Anselmo confirmou, oito dias depois.

Sempre que passava em frente à *Traiteurs de France*, uma confeitaria lindinha que fica perto de um teatro chamado Sala Baden Powell, sentia vontade de comer *financier*, um bolo de nozes delicioso que ela comera uma única vez em São Paulo, um mimo dado pela Tânia, numa tarde em que houve tumulto com a polícia e as duas aproveitaram para fugir e tomar um lanche na padaria chique ali perto da 25 de Março.

Na *Traiteurs de France* da Nossa Senhora de Copacabana o *financier* devia ser mais gostoso ainda, porque a confeitaria era mesmo um primor. Devia ser muito bom poder entrar, sentar diante de uma daquelas mesinhas e pedir um café e um *financier*. As xícaras eram delicadas. As mesinhas, com tampos graciosos, tinham vasinhos com arranjos bem-cuidados, cestinhas com envelopinhos de açúcar e adoçante. As cadeiras pareciam ter saído do cenário de um filme.

Nídia notava que as pessoas que se retiravam do teatro iam direto para a confeitaria. Devia ser mesmo uma maravilha ir ao teatro e depois merendar numa confeitaria assim.

Então Nídia prometeu para si mesma:

“No meu último dia aqui no Rio, eu juro, vou entrar nessa confeitaria, vou tomar um café e comer um *financier*, ou eu não me chamo Nídia.”

Uma noite, por volta de oito e meia, depois de sair do trabalho, tomou um banho ligeiro, pegou o metrô e desceu na estação Catete. Entrou nos jardins do Museu da República. Sabia

que haveria palestras e uma feira de livros, porque uma freguesa da padaria comentara com a amiga ao lado, enquanto as duas esperavam suas médias com pão e queijo quente:

– Começa hoje à noite a feira de livros. E vai ser num lugar facinho de ir, o Museu da República.

As duas eram mocinhas simples, deviam ter pouco dinheiro, amiúde pediam apenas médias e pão com queijo quente. A que falara primeiro era a mais baixinha, com o cabelo ruivo, e usava uma gargantilha cheinha de imagens de Nossa Senhora, o que chamou a atenção de Nídia. A outra, alta e corpuda, vestia-se sempre de blusa lilás e saia preta, o que era uma bonita combinação, na opinião de Nídia. A de lilás e preto falou, num sorriso de dentes bem enfileiradinhos e miúdos:

– Não podemos deixar de ir!

A de imagens de Nossa Senhora no pescoço argumentou, com um sorriso de dentes encavalados:

– A gente pode ir depois de amanhã, porque hoje e amanhã vai ter hora extra no serviço...

Lilás e preto:

– Depois de amanhã, sem falta.

Nídia achava comovente o modo como as duas moças haviam falado da feira de livros, como se uma feira desse feitio fosse uma coisa muito importante, uma coisa estupenda, algo que elas se proibiam de perder. Como se fosse um filme com o Selton Mello. Ou uma aventura numa cidade onde se pudesse descobrir muitas coisas sobre si mesma, que era o que ela, Nídia, mais gostava de fazer.

Portanto, resolveu ir à feira, logo no dia da abertura.

Ela só conhecia feira de frutas, verduras, carnes, quitandas, queijos, pimentas, roupas, objetos de artesanato. Uma feira de livros pareceria com essas tais? Lembrou-se da tia Marta, que certamente vivia frequentando feiras de livros.

Nídia observou os imensos portões de ferro do Museu da República. Deteve o olhar sobre o Palácio do Catete e se lembrou de que lá dentro um dos presidentes do Brasil havia se suicidado. Como era mesmo o nome desse presidente? Ela foi andando em direção

aos jardins. Viu o lago, as estátuas, as pontes, o chafariz, as palmeiras imperiais. De repente, lembrou-se de que foi o Getúlio Vargas, foi o Getúlio Vargas que estava de pijama e deu um tiro no peito, “para entrar na história”, alguma coisa assim.

Viu os estandes e os quiosques. As pessoas paravam para pegar os livros, olhar, folhear.

Viu que as palestras aconteciam numa das salas do segundo andar de um prédio ao lado do palácio, acima de um bistrô, e também aconteciam embaixo, perto de alguns estandes.

Tia Marta cochichou no ouvido dela: “Anda, vai, chega perto de um estande e olha os livros. Pelo menos um. Quem sabe você gosta?”

Ela respondeu: “Ô tia, não adianta, eu não nasci pra gostar de livros. Gosto de cinema e de viajar, gosto de imaginar, dessas coisas eu gosto, mas não tenho paciência pra pegar um livro e ficar ali quieta, lendo, feito pamonha.”

Andou mais um pouco. Viu rapazes e moças da idade dela com os olhos grudados nos livros, sentados em bancos aqui e ali. Não sentiu inveja. Ela possuía suas viagens, suas “imaginações”, seus filmes.

Quando pegou o metrô de volta, assim que achou um lugar e se sentou, constatou que estava ao lado de uma velhinha com uma sacola cheia de livros, com dificuldade para acomodar a tal sacola grande e pesada. A sacola era da feira, a velhinha já estivera por lá e comprara muitos livros.

Ela sorriu para a velhinha e segurou a sacola, para a pobre não sofrer com aquele peso todo. E pensou: “Essa velhinha tem pouco tempo de vida e vai perder o pouco tempo que tem com livros?”

Depois de três minutos, a velhinha, embora tivesse mesmo dificuldade em carregar a sacola pesada, levantou-se, retomou a sacola, pendurou-a no braço esquerdo, agradeceu com um sorriso, parecia orgulhosa de poder sofrer com aquele peso. Saiu do trem. Nídia acompanhou-a da janela. O trem demorou a dar a partida desta vez. Altivo, a passos lentos, o corpo da velhinha foi porfiando a plataforma da estação Flamengo.

Nídia ficou adiando a ida ao Gabinete de Portugal, quer dizer, ao Real Gabinete Português de Leitura, adiou o mais que pôde; afinal, ia ser um sacrifício, uma perda de tempo entrar num gabinete cheio de livros antigos, um lugar com quase duzentos anos, que era um prédio histórico importante, tudo bem, ela até o olharia pelo lado de fora com prazer, mas entrar e ficar olhando feito pasmada para as estantes cheias de livros não fazia o seu feitio. Gostava de admirar prédios antigos, gostava muito, mas só do lado de fora. Achava bonita a arquitetura, esplendorosos os floreios do barroco, igrejas em estilo neogótico eram lindinhas, por exemplo a da Imaculada Conceição em Botafogo. Mas entrar na igreja e ficar olhando para as imagens? Ver pessoas rezando e se sentir na obrigação de fazer ao menos um pelo-sinal? Tinha preguiça. Preferia entrar num cinema. A pena era que o dinheiro não dava para ir ao cinema com frequência.



Uma noite, depois de chegar de uma caminhada no calçadão, teve preguiça de tomar banho. Danou a ajeitar as poucas blusinhas e bermudas no guarda-roupa e a organizar melhor as vasilhas no armário da cozinha. Prendeu com uma piranhinha o cabelo ralinho num rabo de cavalo, no alto da cabeça. Sacudiu a blusa sobre o corpo, para ver se diminuía o calor. Foi para o terracinho, para pegar um pouco de vento fresco da noite.

Ficou ouvindo o barulho dos carros e dos ônibus na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Palavras soltas, gritos e conversas em voz alta. Olhou para o Cristo Redentor e se lembrou da mãe.

Que de repente estava ali ao lado dela, também olhando para o Cristo Redentor, também se refrescando um pouco.

Se alguém de um prédio próximo quisesse bisbilhotar, veria uma moça conversando com o vazio, mas na verdade o vazio era a mãe da moça, as duas embrenhadas no vento e nas luzes daquela noite.

– Fala de novo sobre o meu pai.

– Pra quê, minha filha?

– Pra eu ouvir.

– Já te contei tantas vezes...

– Conta de novo, mãe.

– Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que *e/e* não era um moço tão cruel assim.

– Conta do começo, mãe. Por favor.

Então Bernardina respirou fundo, olhou para a filha com uma expressão de bonomia e depois continuou fitando o Cristo Redentor. Contou a história desde o começo, mas aos poucos:

– O ônibus já estava na metade do caminho. Não estava lotado, tinha umas dez cadeiras vazias. O motorista dirigia bem. Eu estava cochilando um mucadinho.

Que coisas poderiam acontecer numa estrada que vai de Belo Horizonte a São Paulo? Todas as coisas.

– De repente, o motorista freou. Freou de um jeito esquisito. Um carro com bandidos tinha acabado de fazer sinal pra ele parar. Tinham colocado um tronco de árvore bem grande na estrada. O motorista teve que parar o ônibus.

Nídia podia imaginar o pânico, o pavor dos passageiros. O rosto assustado do motorista. Os gestos terríveis dos bandidos.

– Eles entraram com capuzes, só os olhos apareciam um pouco. Três empunhavam armas e outros três foram logo abrindo as carteiras, as bolsas e as sacolas. Tudo em silêncio. Não diziam uma única palavra.

No entanto, o sétimo bandido, que era o mais jovem, ficou parado na porta, sem roubar nada, sem apontar nenhuma arma, apenas olhava a cena, debaixo do capuz. Ali estava o pai de Nídia.

– Então um deles, certamente o chefe, fez um gesto pro bandido que estava parado na porta, o que não tinha arma e nem estava assaltando a gente. O moço, o mais novo do que os outros, o moço disse que não, que não, ele disse que não com a cabeça.

O chefe dos bandidos apontara para a passageira mais jovem, a Bernardina. Com o gesto, estava dando uma ordem ao bandido mais jovem.

– O moço ficou dizendo que não com a cabeça, então o chefe chegou perto dele e apontou a arma pra ele. Empurrou ele na minha direção. E com a arma, exigiu:

– Você, que ainda é um franguinho, que ainda não sabe o que é mulher, vai aprender com essa mocinha do ônibus, anda, agora, depressa, senão eu te arrevento os miolos.

Os passageiros pediram clemência, pelo amor de Deus, por tudo que era mais sagrado, não fizessem mal à moça. O rapaz poderia ter preferido morrer a violentar a moça que o olhava apavorada.

– Ele tremia muito. Eu quase morri de medo e de dor. Quando acabou, ele me olhou com pesar. De repente, fingiu que estava me empurrando e me batendo, debruçou um pouco sobre mim e disse baixinho, só pra eu ouvir: “Perdão”.

Com certeza, Bernardina vivera ali os momentos mais terríveis da sua vida.

– Eles saíram do ônibus, entraram num carro e sumiram no escuro de uma estrada de chão. Os outros passageiros me acudiram, me ajudaram a ficar mais calma. Ficaram todos dizendo que aqueles sete bandidos mereciam apodrecer na cadeia, que eles eram todos uns monstros, que eles tiveram ajuda do capeta, porque a estrada

ficou vazia enquanto agiam, que não tem mais segurança nas estradas, que a polícia rodoviária precisa agir com mais competência, essas coisas.

Dias depois, Bernardina poderia ter ido a uma delegacia, para denunciar o crime. O justo era que exigisse investigação, julgamento e pena. Mas teve medo e vergonha.

– Mãe, os passageiros ficaram revoltados com o crime, ficaram dizendo que a senhora tinha sido profundamente ofendida.

– Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que *e/e* não era um moço tão cruel assim.

– Ele preferiu a vida, a violência da vida, à morte.

– Ele não teve dignidade suficiente pra preferir a morte.

– Ele foi covarde, mãe.

– Eu sei. Mas me pediu perdão.

– Então eu sou filha da covardia e do perdão.

Quando Nídia dizia assim – eu sou filha da covardia e do perdão –, num tom dramático, ela sempre sentia um alívio, quase uma felicidade.

Naquela noite no terracinho em Copacabana ela imaginou a mãe grávida, sozinha e grávida. A mãe nunca mais quis saber de homem nenhum. O trauma daquela viagem a tornara uma mulher avessa ao namoro, ao sonho de encontrar um bom homem e se casar. Sua irmã, Marta, que era mais velha e morava em Belo Horizonte, no Barro Preto, professora, viúva, sem filhos, chegou a dizer que ela não precisava ter esse filho concebido de um modo brutal. O resto da família consistia nuns tios velhos que moravam em Andrelândia e com eles não havia contato.

Um dia, Bernardina ligou de um telefone público.

– Alô.

– Marta, sou eu.

– Bernardina... Como vai? Resolveu?

– Resolvi que vou criar. Vou ter.

– Mas...

– Estou me sentindo melhor assim, depois que resolvi isso.

– Se está se sentindo melhor assim, vá em frente, minha irmã.

E conte comigo pro que precisar, viu? Que acha de vir pra minha

casa? Você pode ficar aqui comigo durante a gravidez, eu te ajudo, você tem o neném e depois resolve o que vai fazer, se volta pra Dores do Indaiá ou se continua aqui em Belo Horizonte.

– Eu te agradeço, minha irmã. Mas vou ficar aqui em Dores. Vou carregar sozinha a minha cruz.

Bernardina dissera isso – vou carregar sozinha a minha cruz –, mas na verdade não se sentia carregando uma cruz. Dissera – vou carregar sozinha a minha cruz –, por costume, por ser às vezes histriônica. Quando completou seis meses de gravidez, descobriu que estava carregando uma menina. Uma menina. Ela lhe daria o nome de Maria. Maria. Um nome simples e forte. O nome de Nossa Senhora. Ela consagraria a menina a Nossa Senhora. Sua filha seria uma afilhada de Nossa Senhora, e louvado seja Deus.

– Eu entreguei você pra Nossa Senhora.

– Fala de novo isso, mãe...

– Eu entreguei você pra Nossa Senhora.

Mãe e filha se abraçaram e continuaram olhando para o Cristo Redentor. Dali mais uns instantes, começou a chover. A mãe desapareceu e a filha foi tomar um banho, antes de dormir.

Uma tarde de domingo, enquanto caminhava no calçadão, viu de novo muitas pessoas se aproximando da estátua que ficava de frente para a avenida Atlântica, mais ou menos na direção da avenida Rainha Elizabeth e da rua Conselheiro Lafayette. Eram homens, mulheres, crianças, moças, rapazes, todo mundo queria tirar fotos ao lado daquela estátua.

Ela se sentou numa cadeira de um quiosque. Comprou água de coco.

Esperou que houvesse um momento mais sossegado, em que ninguém estivesse perto da estátua. Demorou, mas veio esse instante. Ela jogou a casca do coco na lixeira e se aproximou do banco onde a estátua estava sempre sentada, de costas para o mar.

Ela observou a estátua de bronze. A cabeça com os poucos cabelos cuidadosamente penteados para trás, a calvície se estendendo acima da testa, os óculos, o livro sobre a coxa da perna direita que estava dobrada sobre a esquerda, os braços dobrados, o

direito sobre o esquerdo, e debaixo do esquerdo o livro, as pernas cruzadas, uma estátua de costas para o mar.

A estátua era a de um homem que gostava de livros, então. Com certeza, tia Marta sabia quem era ele.

Nídia leu a frase inscrita no banco de cimento: "No mar estava escrita uma cidade". Eram palavras daquele homem. Ela leu o nome dele.

O significado do primeiro nome era "homem forte, viril".

Então a estátua estava ali, e era a imagem de um homem forte, viril, Carlos, aquele homem assim tão magro e tão ensimesmado, de frente para as pessoas que andam na calçada, de frente para as ruas, atento ao movimento das ondas do pensamento do mundo.

Nídia se afastou, e continuou a caminhada até o Posto 2.

Viu de novo o homem triste e seu cartaz dizendo *escrevo seu nome no arroz*.

Aproximou-se dele.

– Quanto custa?

– Dez reais.

– Quanto tempo demora?

– Depende do nome. Como você se chama?

"Já pensou se eu digo Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos?", ela pensou. Mas disse:

– Nídia.

– Demora só dois minutos.

– Vou querer. Vou levar de lembrança.

O homem iniciou o trabalho, com vigor e delicadeza. De repente, não era mais um homem triste. Alguém quisera ver o próprio nome num grãozinho de arroz. E ele colocou o acento agudo no primeiro "i", sem Nídia precisar explicar.

Na segunda-feira, no horário de almoço, ela pegou a mala de couro antiga, colocou-a numa sacola de plástico e foi a pé até o centro de compras que fica perto da estação Siqueira Campos. Viu as lojas que vendem antiguidades, entrou numa delas e negociou a venda da mala, recebeu um bom dinheiro e depois comprou uma

mochila numa das lojinhas populares de Copacabana. Com o lucro, poderia ter mais conforto na próxima viagem.

Ela iria embora do Rio de Janeiro dentro de três dias, já avisara ao Seu Anselmo. Já havia ido à Confeitaria Colombo e ao Jardim Botânico, lugares sugeridos por ele. Na Confeitaria Colombo, entrara na parte mais charmosa e mais elegante; olhara os espelhos enormes, os lustres esplendorosos, mesas e cadeiras requintadas, mas tomara um cafezinho e comera um pão de queijo diante do balcão, logo à entrada, porque ali era bem mais barato. No Jardim Botânico, andara com delícia pelas aleias, vira as árvores, os pássaros, as flores, as estátuas. Em especial, gostou do Lago Frei Leandro, do Orquidário, do Chafariz Central, do Roseiral Pedro Cachimbo, do Recanto das Mangueiras – que parecia um cenário de filme de assombração –, e do Jardim Japonês.

Decidiu ir a pé do Jardim Botânico ao Humaitá, pela avenida principal. Nídia adorava andar, tinha pernas fortes e pisava firme com o seu tênis barato, mas muito bom.

Foi andando, observando tudo. Assim que terminou de percorrer a parte da avenida que dava para o Jardim Botânico, viu que havia uma pracinha e nela uma outra estátua de homem com um livro na mão. Também de poucos cabelos. Também de óculos. Mas em pé, usando terno e gravata, ao lado de uma mesa com telefone. O homem parecia ler e conversar. Esse Rio de Janeiro gosta de estátua de homem com livro, ela pensou, um pouco preguiçosa de chegar perto da estátua.

Mas se aproximou. Tudo em bronze, o homem, a mesa, a cadeira, o telefone, mas tudo parecia se mover. Esquisito, ela pensou. Um pouquinho curiosa, viu folhas em bronze sobre a mesa, onde havia informações sobre a vida daquele homem, dentre elas a de que era escritor e nascera em São João Del Rey, a cidade dos sinos. Ela gostou dessa história de cidade dos sinos. Depois, leu uma frase de autoria dele: “Escrever é de amargar”. Riu. O homem gostava de escrever, de ler, mas dizia que “escrever é de amargar”. Um escritor engraçado. Um escritor que ria dele mesmo, do seu destino.

Nídia leu o nome dele. Ficou repetindo em voz alta o primeiro nome, que era diferente de todos os nomes que ouvira até então: “Otto”.

– Otto é um nome estúrdio!

Ela disse em voz alta, rindo. Uma moça que passava ali perto ouviu, riu também, e seguiu seu caminho.

Valentina Vitória lhe dissera o significado dos nomes Otávio, Omar, Orlando, Oscar, Osvaldo, e só. Nada de Otto. O que significava Otto? Parecia um nome estrangeiro.

Então Nídia releu o nome inteiro, e viu que o segundo nome era “Lara”. Lembrava-se de que Lara é “a protetora do lar”. Era um sobrenome, então. E tinha um bonito significado. Vai ver, o escritor era um bom pai. Imagina, isso se a história da magia dos nomes fosse verdadeira, ela pensou, lembrando-se da Valentina Vitória e da mãe dela, de quem ela jamais perguntou o nome, por preguiça, por desmazelo e falta de educação.

No Humaitá, pegou um ônibus e foi para Copacabana.

No dia seguinte, não podia adiar mais. Teria que ir ao Real Gabinete Português de Leitura. Já estava na véspera de deixar o Rio de Janeiro e seguir o próximo rumo, que seria Cataguases.

Tomou café e foi para a estação Arcoverde. Pegou o metrô e desceu na Uruguaiana. Em três minutos, já estava na rua Luís de Camões.

Empertigou-se diante do prédio antigo com quase duzentos anos.

Achou-o bonito, extremamente bonito, majestoso, lembrando palácios e coisas do mar.

Subiu uma escada larga e de poucos degraus. Ergueu os olhos e viu uma abóboda muito bela. Baixou a vista e no chão viu um ladrilho também muito lindo. Continuou entrando. Um rapaz, detrás de uma mesa, disse-lhe:

– É só preencher este formulário, eu guardo suas coisas e você entra.

O rapaz mostrava uma folhinha de papel. Ela pensou assim: “Não custa nada eu preencher isso e entrar. Ele guarda a minha

bolsa e eu entro. Cumpro a promessa que fiz pra tia Marta, pronto, daí eu vou embora e tchau e bença”.

Nídia preencheu o papel com o nome Maria Campos. Escrever Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos demoraria muito e ela tinha pressa de entrar e sair logo. Ia fazer um sacrifício, tudo bem, mas não precisava estender demais as coisas.

O rapaz guardou a bolsa, entregou-lhe uma ficha com o número oito e ela entrou.

Então ela seria a visitante de número oito.

E de repente ela se viu tomada por uma atmosfera estranha e agradável. Ergueu a cabeça e espalhou o olhar pelas paredes altas e cheias de prateleiras de cima a baixo. Viu no alto a claraboia imensa, imponente, magnífica.

Escadinhas de madeira firmadas nas prateleiras mais altas. Corredores lá em cima, por onde só podiam andar os funcionários. Sentadas diante de mesas de madeira muito bem cuidadas, havia sete pessoas debruçadas sobre livros.

Ela se lembrou do filme do Harry Potter, o primeiro da série, o único que ela viu. Nele havia uma biblioteca parecida com essa. Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos estava, de uma hora para outra, num cenário de filme.

Aqueles livros todos encapados, a maioria de capa dura, nas cores verde, azul e vermelho. Muitos na cor laranja também. Muitos na cor preta.

Ela se aproximou. Viu as mesas com tampo de vidro. Dentro delas, livros que eram preciosidades, não podiam ser manuseados, estavam ali apenas para serem contemplados.

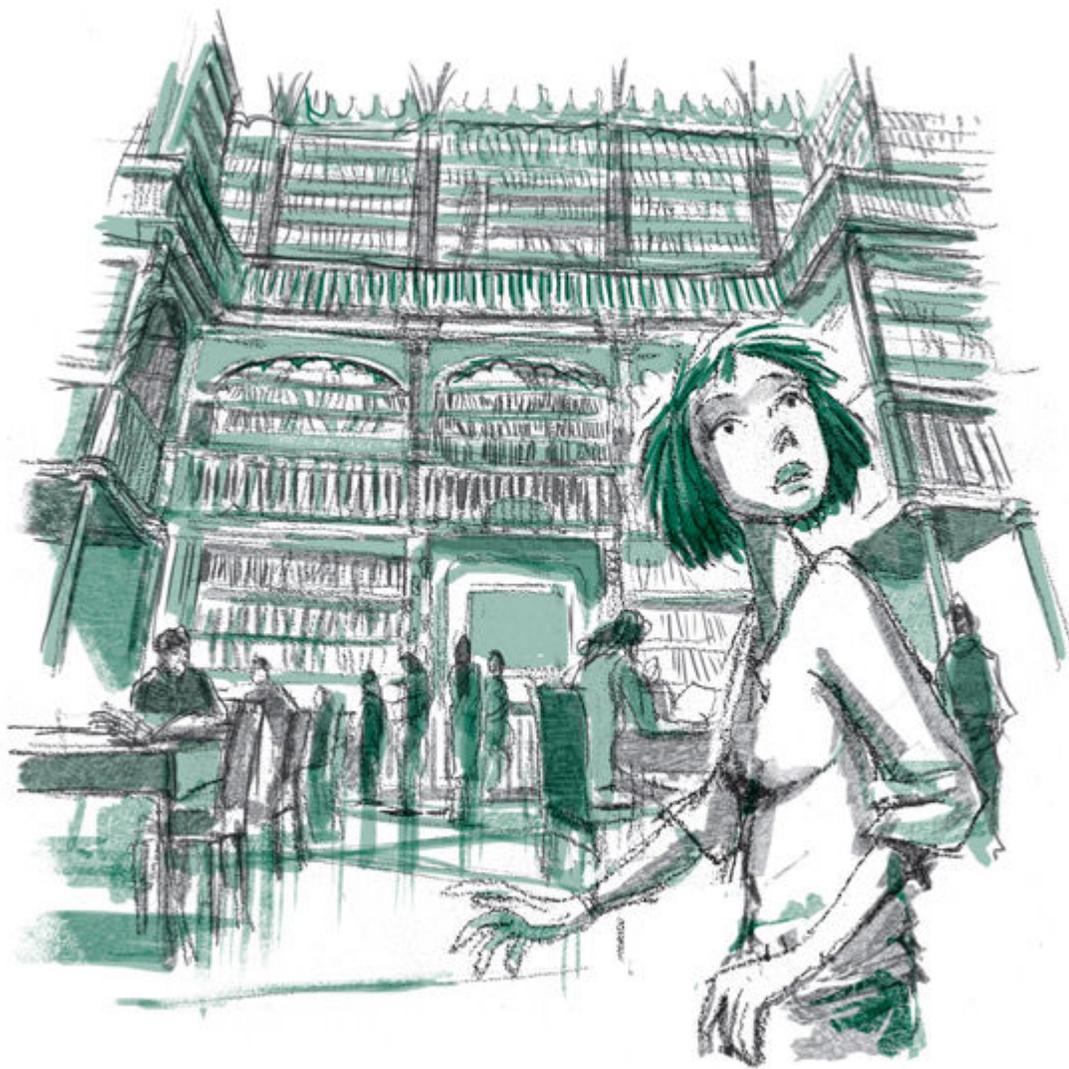
Um cenário de filme.

Nídia chegou perto de uma das mesas de madeira. Ninguém olhou para ela, os sete visitantes estavam grudados nos livros, eram estátuas vivas, cada uma com o seu livro.

Ela era a oitava visitante. A filha da covardia e do perdão. A oitava visitante.

Sentou-se diante daquela mesa.

Um cenário de filme.



Por isso a tia Marta pedira que ela entrasse ali. Tia Marta era uma bruxa. Ela sabia que aquele lugar era encantado e então a fizera prometer que entraria.

Então estava ali. Num cenário de filme. Ela que dizia que não gostava de livros. Alguém havia deixado um volume sobre a mesa. Nídia pegou o livro e começou a folhear. A tia Marta ia ficar feliz de saber que, além de entrar, ela teria olhado um livro.

Ela ficou olhando aquele livro. Na capa estava escrito Fernando Pessoa. Ela se lembrou de que Fernando é de origem germânica e significa "o guerreiro destemido".

Um pouco curiosa, começou a ler as palavras daquele guerreiro destemido. Foi lendo. Foi lendo.

*Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.*

Não dava conta de parar de ler.

*Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.*

O que eram essas palavras, minha Nossa Senhora?

*Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.
Isso já existia e ela não sabia?*

*Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.*

Foi lendo. Foi lendo.
Voltou ao primeiro verso:
Não sei quantas almas tenho.

E leu mais.

De repente, com uma alegria doida, descobriu que Fernando Pessoa virava Alberto Caeiro. E virava Álvaro de Campos. E virava Ricardo Reis.

Ela riu baixinho, porque estava lendo o livro de um guerreiro destemido que inventava muitos nomes para ele. Coisa que ela também gostava de fazer.

*Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é.*

Então existia uma beleza assim! Por isso a tia Marta a convidara para entrar em seu quarto-biblioteca. E ela ainda pensou: "Vai ver, toda biblioteca é um lugar encantado".

Ela ficou muito tempo naquela biblioteca de estilo manuelino. Leu páginas e páginas do Fernando Pessoa. Era a sua comemoração dos duzentos anos da chegada da família real.

Era também a comemoração da chegada de um pássaro.

Afinal, Nídia tinha muitas almas. Nem sabia quantas. Mas sabia que sentia. Que podia continuar sentindo. E, recém-saída do ninho, podia voar.

Ao sair do Real Gabinete Português de Leitura, de braços dados com o Fernando Pessoa, Nídia andou até a estação Uruguaiana. Antes de descer a escada rolante para pegar o metrô, viu mais uma vez aquelas cenas: os estandes, as barracas, o lixo, os camelôs, muita gente comprando, muita gente só olhando; aqui e ali meninos e meninas se drogavam, um homem gritava com a Bíblia na mão: "Vocês querem arder no fogo do inferno? Vocês querem se entregar pra Satanás?".

Um policial algemava uma mulher.

Quem tem alma não tem calma.

Nídia de braços dados com o novo amigo.

Com ele desceu a escada rolante.

Com ele, correria todos os riscos.

Depois, cumpriu a promessa que fizera para si mesma. Ainda ouvindo o dono dos diferentes nomes, *não sei quantas almas tenho*, ainda com a sensação de que estivera num cenário de filme, desceu na estação Arcoverde, atravessou a rua Barata Ribeiro, passou pela praça de Inhangá, chegou à avenida Nossa Senhora de Copacabana e entrou na Confeitaria *Traiteurs de France*.

Tomaria um café e comeria um *financier*.

Diante de uma mesa lindinha.

Mais um cenário de filme naquele último dia no Rio de Janeiro.

Com toda a cerimônia, fez o pedido. Ajeitou o cabelinho ralo e solto. Ficou esperando, contente e ansiosa.

Não sei quantas almas tenho.

Subitamente, escutou um burburinho. As moças detrás do balcão conversavam e apontavam para a entrada da confeitaria. Alguém importante estava entrando. Nídia virou a cabeça para ver quem era.

Seu coração disparou. Era ele. Era o Selton Mello.

Nídia sentia as pernas bambas. O café já estava esfriando e ela ainda não comera o *financier*. Ela só queria ficar olhando para ele, aquele homem lindo, o ator do filme *Lisbela e o prisioneiro*.

Selton Mello pedira um café com leite e um *croissant*. Estava com um bloco de papel na mão e de vez em quando anotava alguma coisa com uma caneta esferográfica. Os cabelos anelados e fartos. O olhar cheio de mistério. Parecia que não estava ali, que apenas deixava que sua imagem de repente aparecesse.

Era mesmo tudo muito estranho.

Então Nídia comeu o *financier* e tomou o café. E não esperou mais. Quando viu que ele se sentara e começava a ler as anotações, ela se aproximou.

As pernas pararam de tremer, quando ela disse:

– Selton, eu me apaixonei por você.

Ele a olhou, rápido. Não riu. Não caçoou. Apenas inclinou a cabeça, como se dissesse: “Que bom”.

Nídia foi para o balcão, pagou a conta, e já ia se afastando da confeitaria, quando ouviu a voz dele:

– Espera! Por favor, espera.



Nídia estancou o passo, sem acreditar que acabara de ouvir a voz do Selton Mello dizendo espera, por favor, espera.

Impossível. Só podia estar imaginando.

Uma mágica como essa não aconteceria.

Ainda de costas, paralisada pelo susto e pela impressão de que sonhava com os olhos bem abertos diante da avenida Nossa Senhora de Copacabana, Nídia ouviu de novo a voz dele, do Selton Mello, a voz inconfundível daquele homem lindo que lhe despertara a paixão mais docinha da vida:

– Vamos conversar um mucadinho?

Sabia que ele era mineiro também, mas ouvir *mucadinho* a fez se voltar sorrindo, como se aquela palavra mágica pudesse fazer a timidez diminuir um pouco.

Selton Mello estava de pé, apontando para a cadeira ao lado da dele.

Com um sorriso que não conseguia conter, Nídia foi se aproximando.

Devagar, sem fitar os olhos dele, com o sorriso desaparecendo, ela se sentou.

Desajeitada, bateu um dos braços no pires sobre a mesa.

Resolveu cruzar os braços, para evitar mais atropelos.

Sentiu que ele a fitava sem rir, sem caçoar.

Criou coragem. Olhou para os olhos dele.

Então Selton Mello se sentou e disse:

– Quer alguma coisa? Um doce, um café?

Ela respondeu:

– Já merendei... Muito obrigada.

Ele prendeu a caneta no bloco de anotações, guardou-o num bolso dentro do casaco, sorriu o sorriso mais amoroso que ela já vira. E perguntou:

– Qual o seu nome?

Ela também sorriu, embora timidamente.

– Nídia.

– Nídia, você...

– Me desculpe, meu nome é Maria.

– Maria Nídia?

– Na certidão é só Maria. Nídia eu inventei.

Ao dizer isso, Nídia eu inventei, seu sorriso ficou enorme, solto, sem receio algum.

– Então você gosta de inventar nomes...

– Já me chamei de Teresa, de Zoraida... Por causa de uma amiga que eu tenho, sabe? A Valentina Vitória. Ela me ensinou o significado de vários nomes. Daí eu resolvi viajar e viver todos os nomes que eu quisesse. Por exemplo, em São Paulo eu era Simone, “aquela que escuta”. Aqui no Rio eu sou Nídia, “pássaro recém-saído do ninho”.

O olhar dele, sempre cheio de mistério, pareceu gostar daquela história de muitos nomes.

Selton Mello disse:

– De certa forma, esse é o meu trabalho, você sabe.

– Eu sei.

– Eu vivo todos os nomes que eu escolho, ou os nomes que a vida me dá.

– Pois é. Eu acho isso muito lindo. Tem hora que dá medo, claro. Mas é mais fascinante do que temeroso, não é?

Ela estava falando da vida e dos significados de vida que cada nome tem com o Selton Mello? Parecia mágica pura. Jamais imaginara uma coisa assim.

Mas estava acontecendo.

– Tem ideia do significado do meu nome?

Ele perguntou.

Ela respirou fundo. Continuou olhando para ele.

– Já imaginei algumas coisas...

– O nome do meu pai é Dalton.

– Ah...

– O nome da minha mãe é Selva.

– Selva é o mesmo que Sílvia. Vem do latim. Significa “do bosque”, “da floresta”, uma pessoa simples, natural, mas também muito poderosa. Dalton eu não sei, mas imagino que seja um nome estrangeiro... Digamos que o nome Selton significa “aquele que vem de longe, cheio de mistérios, e ao mesmo tempo é alguém simples, natural e muito poderoso”. Você faz jus a tudo isso.

– Você entende mesmo de nomes...

– A doutora no assunto é a Valentina Vitória. Eu entendo quase nada.

– Muito obrigado por me dizer essas coisas sobre o meu nome! Achei legal.

– Cada nome tem a sua magia, como diria a Valentina Vitória.

– Gostei de te conhecer, Maria. Você é um encanto.

Ele olhou o relógio no pulso do braço esquerdo.

Ela sabia que ele era um ator famoso e ocupadíssimo. Já havia sido extremamente gentil com ela, não rira nem caçou da sua paixão docinha, dissera-lhe “você é um encanto”, que era o autógrafo mais bonito que poderia receber.

Então ela se levantou e disse:

– Já vou indo.

– Tenho uma reunião na Gávea daqui a meia hora...

Ele disse e também se levantou.

Maria estendeu a mão direita, que o Selton Mello apertou dizendo:

– Boa sorte pra você, viu? Até qualquer hora dessas!

Depois ele a beijou de um lado e do outro do rosto, o que a deixou completamente surpresa.

Ela retomou a timidez, mas disse:

– Obrigada... Boa sorte pra você também...

– Obrigado! Tchau... Com licença...

Nídia viu que ele ligou o celular.

Ela se afastou contente, a passos tranquilos, sem olhar para trás.

Sabia que tornaria a ver aquele olhar de mistério, tinha certeza.

Ele apareceria para ela, de certo modo apenas para ela, em outros filmes.

Os sinos

A outra aventura foi em São João Del Rey, a cidade onde nasceu o Otto, o escritor de terno e gravata daquela pracinha da rua Pacheco Leão, perto do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Estava programado que iria para Cataguases, ela achava interessante o nome Cataguases, mas mudou o itinerário, quando se lembrou que o Otto nascera em São João Del Rey, a cidade dos sinos. Deu vontade de conhecer essa tal cidade dos sinos, o lugar onde nascera o escritor engraçado que dizia que “escrever é de amargar”.

Do Rio para São João Del Rey foram poucas horas de ônibus.

Ao chegar, viu que a cidade tinha um córrego que a dividia em duas partes. Gostou das pontes que levavam as pessoas de um lado para o outro. Fazia frio. Que maravilha, ela poderia usar o cardigã *fashion* que comprara na rua da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro. Sentiu-se elegante, estilosa, quase Débora Falabella.

Uma das primeiras coisas que fez foi visitar a Biblioteca Otto Lara Resende. Viu um livro dele que traçava alguns perfis, *O príncipe e o sabiá*; leu o perfil do Carlos Drummond de Andrade, ele que não sai daquele banco do calçadão de Copacabana, que é fotografado a todo instante, “no mar estava escrita uma cidade”; o da Angela Diniz, que foi assassinada, morreu de bruços, “no jardim que ela queria para sempre um porto e um ninho; morreu de bruços, como criança surpreendida no meio da noite por uma dor que não passa, longe da mãe que não vem”; o do Getúlio Vargas, o presidente que se suicidou no Palácio do Catete, palácio que antes era a casa dos presidentes do Brasil e agora é o Museu da República; o do Manuel

Bandeira, o da Clarice Lispector, o do João Guimarães Rosa, o da Djanira, este ela leu por causa do título: “Um anjo mudou de endereço”.

Em São João Del Rey ela era Gilda, “aquela que pode se sacrificar”.

Com o dinheiro que recebera da venda da mala de couro antiga, Gilda pôde se hospedar numa pensão graciosa chamada Pousada dos Sinos, de frente para o Córrego do Lenheiro. Ouvia os sinos tocando o dia todo. Tomava o café da manhã numa varanda que se banhava de sol, perfeita para as manhãs geladas, e ali sempre via e cumprimentava os outros hóspedes.

Um dos hóspedes era um homem alto, sério, sempre de camisa azul-claro, sandálias franciscanas e calça jeans. Tomava seu café em silêncio, mas um dia coincidiu de os dois sentarem de frente um para o outro e então ele sorriu e cumprimentou:

– Bom dia...

Ela tomou um pouco do café com leite e começou a passar manteiga num pão de sal:

– Bom dia.

Ele se serviu de café puro. Começou a comer um pedaço de bolo.

Ficaram em silêncio por algum tempo.

Mas Gilda achava esquisito ficar de frente para uma pessoa e se manter em silêncio. Dava uma agonia. Uma impaciência mesmo.

Resolveu dizer qualquer coisa.

– O senhor é daqui de Minas?

Ele a olhou. Ela achou lindos aqueles grandes olhos verdes.

– Sou de São Paulo. Mas venho muito a Minas, principalmente pra São João Del Rey e Tiradentes.

– Eu sou mineira, de Dores do Indaiá. Já ouviu falar?

Ela sentia vontade de conversar com ele e isso era muito estranho.

– A terra do poeta Emílio Moura, claro que já ouvi falar.

Gilda Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos sabia que Dores era a terra do poeta Emílio Moura, lá em Dores todo mundo fala isso, com cara de todas as importâncias. Pelo jeito, o Emílio Moura era mais famoso do que imaginava.

– Vai ficar aqui por quanto tempo?

Ele perguntou, com os grandes olhos verdes fitando-a respeitosamente.

Ela respondeu:

– Mais uns quatro ou cinco dias...

– Está de férias.

– Estou de férias, pois é. E o senhor?

– Eu nunca estou de férias.

Ela sorriu e se serviu de mais pão de sal e mais café com leite. Conversar com aquele homem era uma coisa impulsiva, estranha e boa.

Queria perguntar por que ele nunca estava de férias. Ia fazer isso, quando ele se adiantou:

– Sou roteirista e diretor de cinema. Atualmente estou terminando um roteiro. Fazer cinema é muito complicado, a gente não pode parar de trabalhar, sabe? Tem roteiro, tem elenco, tem pessoal da assistência técnica, tem patrocinador, tem lei de incentivo pra gente pesquisar, tem muito sonho, muita luta, e dinheiro tem pouco, você sabe.

Gilda se emocionou. Engoliu mais um pouco de café com leite, trêmula. Então ela estava conversando com um diretor de cinema!

Iam retomar a conversa, quando a proprietária da pensão chegou e disse a ele:

– Seu Eugênio, telefone urgente pro senhor.

“Aquele que é nobre pelo nascimento”, lembrou-se Gilda, ouvindo-o pedir licença e se afastar depressa. Era um telefonema urgente, afinal.

Gilda ficou na varanda, por mais meia hora. Tomou mais café, comeu uma fatia de bolo, chupou uma laranja.

Eugênio, o diretor de cinema que tinha grandes olhos verdes, não retornou à mesa do café da manhã.

Gilda sentiu uma tristeza esquisita.

No outro dia, chegou um pouco mais cedo à varanda.

Tomou seu café ansiosa, a todo momento esperando que ele chegasse, escolhesse a cadeira vazia diante dela, para conversarem de novo. Não estava entendendo o porquê, mas queria que ele também aproveitasse aquele sol gostoso, aquele café quentinho, o bolo de milho acabado de sair do forno, era só passar um mucadinho de manteiga e a manteiga derretia na fatia do bolo, seria tão bom se ele estivesse ali.

À noite, pegou o caderno e o lápis com borracha. Escreveu o nome dele, Eugênio, junto aos vários nomes que ia anotando à medida que se lembrava dos significados que Valentina Vitória lhe ensinara. Pegou o saquinho plástico onde guardava o grão de arroz com o nome Nídia. E com uma fita adesiva colou-o na página em que anotara o nome Eugênio. Fechou o caderno e o guardou na mochila.

No outro dia, depois de tomar o café da manhã, resolveu falar com a proprietária da pensão. Ela estava detrás do balcão de madeira escura, na saleta de entrada, com um caderno aberto diante dos olhos miudinhos. O rosto claro, cheio de sardas.

Com a mão esquerda, ela anotava alguma coisa no caderno.

“Ela é canhota”, pensou Gilda. “Eu queria tanto ser canhota, parece que ser canhota é sinal de mais inteligência”, ela também pensou.

E disse:

– Dona Luzia, a senhora se importa de me dar uma informação?

“A que irradia luz” respondeu, fitando-a educadamente.

– Pois não... Como é mesmo o seu nome?

– Maria. Mas a senhora pode me chamar de Gilda, por favor.

– Está bem, Hilda.

– Gilda.

– Gilda, certo. Que informação?

– Bom, dona Luzia, eu... Eu queria saber se aquele hóspede que é diretor de cinema, o...

– O Seu Eugênio.

– Ele nunca mais apareceu no café da manhã...

Dona Luzia fechou o caderno, olhou para a janela em frente, que dava para a Ponte de Pedra, e comentou:

– Ele recebeu um telefonema urgente, teve que viajar na mesma hora pra São Paulo. Aqui tem ônibus pra São Paulo de hora em hora.

Gilda sentiu uma tristeza esquisita. Perdera um amigo que começara a ganhar. Nunca mais o veria, com certeza.

Aí aconteceu a coisa mais estranha daquela aventura de Gilda em São João Del Rey. De repente, a dona Luzia a chamou para se sentar ao lado dela no sofá de palhinha com almofadas que ficava junto ao balcão, também de frente para a janela e sua vista da Ponte de Pedra.

– Senta aqui comigo, Gilda. Vou te contar a história desse diretor de cinema. Nunca contei isso pra ninguém, mas pra você eu vou contar.

Gilda pensou: “Ela deve contar essa história pra todo mundo, mas sempre começa dizendo que nunca contou pra ninguém”.

Gilda se sentou ao lado de dona Luzia, no sofá de palhinha com almofadas, diante da Ponte de Pedra. Mais à frente, depois de uma avenida movimentada, viam-se três lindas igrejas do barroco mineiro.

Gilda viu que dona Luzia soltou os braços sobre as pernas e nos joelhos pousou as mãos. Reparou que as mãos, descansando sobre os joelhos, tinham manchas, muitas manchas, e anéis com pedrinhas de *strass*. Dona Luzia ficou um pouco em silêncio, como se fosse necessário se preparar, ajuntar as lembranças e as informações, entabular cada detalhe, para só depois encetar o relato de vez.

E então eram onze horas da manhã em ponto e todas as igrejas tocavam seus sinos.

Com a trilha sonora dos sinos, dona Luzia começou:

– Uma vez ele esqueceu uma folha de jornal na mesinha do quarto dele. Eu tinha entrado pra trocar a roupa de cama, sabe? Eu li a entrevista no jornal, com a foto dele. Ele dá entrevista de vez em

quando, porque já é um diretor conhecido. Na entrevista, ele contou muita coisa da vida dele, e confessou um crime que cometeu quando era mais novo. Difícil de acreditar, mas Seu Eugênio já foi bandido.

Dona Luzia ficou balançando a cabeça, para frente e para trás, num rápido silêncio, numa pausa para fazer suspense, sem tirar as mãos dos joelhos, e depois continuou a contar a história do diretor de cinema que se chamava Eugênio e que de vez em quando se hospedava em sua pensão.

Mais tarde, Gilda foi ao telefone público e ligou para Valentina Vitória. Desde que saíra de Dores, e isso já fazia mais de três meses, nunca mais falara com a amiga. Preferira deixar para dizer tudo quando voltasse, para que elas ficassem conversando por horas e horas, parecendo que o assunto não ia acabar nunca. Mas agora sentia que precisava urgentemente conversar com ela, falar que estava vivendo coisas interessantes, agradecer pelos significados dos nomes – foram eles que a levaram a viajar –, perguntar o que Valentina Vitória achava de tudo o que acabara de acontecer em Belo Horizonte, no Rio e em São João Del Rey. Ia ser uma delícia falar sobre o Fernando Pessoa, o Selton Mello, o rapaz dos olhos negros, da voz rouca e das mãos inteligentes, e agora o diretor de cinema que...

O telefone ficou chamando.

Ninguém atendia.

Então Gilda foi dar uma volta na Maria Fumaça, o antigo trenzinho que faz um passeio gostoso até Tiradentes, pela Estrada Real. Telefonaria de novo em Tiradentes.

Em Tiradentes, depois de subir e descer ladeiras e ver igrejas e casinhas barrocas, cada uma mais encantadora do que a outra, ligou de novo para Valentina Vitória.

O telefone ficou chamando.

Ninguém atendia.

Ela foi tomar um café com leite num bistrô que serve em bules e canequinhas esmaltadas, mesas forradas com toalhas bordadas de

ponto de cruz, de frente para uma casa onde na época da Inconfidência viveu uma moça que era prima da Marília de Dirceu.

À noite, já de volta a São João Del Rey, embora já estivesse com muito sono, resolveu tentar mais uma vez. Foi ao telefone público de novo. Não era possível que a Valentina Vitória ou a mãe ou o pai, alguém daquela casa não estivesse em casa à noite, na hora da novela das oito.

O telefone ficou chamando.

Quando já ia desistir, alguém atendeu, mas ficou em silêncio.

Gilda perguntou, aflita:

– Valentina?...

– Alô...

Ela reconheceu a voz da Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto, até a imaginou sacudindo o cabelão comprido e cacheado.

– Valentina, sou eu, a Maria...

A voz da amiga parecia vir de longe, e parecia triste e exausta:

– Maria... Tudo bem com você? Vai voltar quando?

– O mais rápido possível. Estou com saudade. E tenho muita novidade boa pra contar!

Valentina Vitória não disfarçou o choro:

– Eu só tenho uma novidade horrível...

Gilda ia perguntar que novidade horrível era essa, quando a ligação caiu.

Ela aguardou uns três minutos. Ligou de novo.

O telefone ficou chamando.

E ninguém atendeu.

Gilda tentou mais vezes, mas ninguém atendeu.

Foi mesmo um sacrifício ouvir a amiga dizer que tinha uma novidade horrível e não poder consolá-la. Também muito sacrifício saber que estivera tão perto daquele homem de olhos verdes, sempre de camisa azul-claro, sandálias franciscanas e calça jeans, ouvir a dona Luzia contar a história dele, e depois pensar que talvez nunca mais eles se encontrassem.



Olhos verdes

No fim do dia seguinte, Gilda Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos estava de volta à sua casa em Dores do Indaiá, alvoroçada e tremendo diante de Bernardina.

– Me chama de Selma, por favor.

A mãe arregalou os olhos, depois de abraçá-la.

– Maria...

– Eu gosto de me chamar de nomes diferentes. Preciso te contar isso, mãe, que eu gosto de me chamar de diversos nomes. O primeiro foi Zoraida.

Bernardina sorriu.

– Zoraida?

– Acha bonito?

– Muito lindinho.

– Por último, eu me chamava de Gilda. Mas atualmente eu quero que a senhora me chame de Selma.

– Acabei de fazer um arroz com inhame, do jeito que você gosta...

– Eu janto depois. Agora nós duas precisamos conversar.

– Mas... Está bem, Maria.

– Me chama de Selma, por favor.

As duas se sentaram em tamboretas, na cozinha, ao pé da mesa.

– É de origem árabe e significa "a amiga da paz". O nome Selma.

Bernardina não fez nenhuma objeção. Fitava a filha com calma, com ternura, com saudade.

– A senhora está boa, mãe?

– Estou sim. Ainda bem que voltou, Maria, quer dizer, Selma... Estou te achando mais magra... Me conta como foi tudo, nos

telefonemas você falava pouco, por causa do preço da ligação... Me conta mais coisas sobre os lugares onde você esteve... De qual gostou mais?

– Gostei de todos, mãe. Mas desconfio que o mais importante foi o último. São João Del Rey. A cidade dos sinos.

– O mais importante por qual motivo?

– Daqui a pouquinho eu conto pra senhora. Antes, me esclareça uma coisa sobre a Valentina Vitória, por favor. Liguei pra ela e ela disse que aconteceu uma coisa horrível, ela estava chorando... Nem falou em alguma coisa mágica!

Bernardina teve uma expressão de incredulidade, meneou a cabeça. E perguntou:

– Você ligou pra ela? Mas... Quando?

– Ontem, lá de São João Del Rey. O telefone ficou chamando um tempão, tive que tentar várias vezes, mas teve uma hora que ela atendeu e disse que tinha uma novidade horrível, ela estava chorando... A ligação caiu e eu não consegui mais conversar com ela.

Bernardina parecia envolta numa atmosfera de vozes distantes, num brejo, num rio, numa pedra de precipício.

E disse:

– Eu não te contei nada antes, porque não queria estragar o seu passeio. De que adiantava você saber da notícia, se não ia poder fazer nada? Mas... Um mês depois que você saiu daqui, a Valentina Vitória se suicidou.

Selma não queria acreditar no que estava ouvindo.

– Foi muito triste... A mãe e o pai resolveram ir embora. A casa continua vazia. Ninguém alugou mais.

– A Valentina Vitória...

– Ela estava namorando um moço, um que chegou aqui em Dores com panca de conquistador barato, todo mundo via que ele não valia nada, mas a Valentina Vitória danou a dizer que ele era o amor da vida dela. O namoro não durou mais que duas semanas, o moço terminou tudo, disse que ia embora e que ela tinha sido só um passatempo na vida dele. Ela não aguentou e se matou.

Selma não queria acreditar no que estava ouvindo. Valentina Vitória tinha mesmo dificuldade em ouvir a parte triste de uma história? Uma coelhinha assustada. Sabia o significado de quase todos os nomes, tinha pais que viviam de mãos dadas, tinha o cabelo farto, comprido e cacheado, fazia cocô toda manhã, mas se matou. Vai ver, os pais foram embora de mãos separadas, imagina, de mãos perdidas, Selma pensava, aturdida, não queria acreditar nessa história de uma moça bonita, que tem intestino garantidor de saúde e entusiasmo, que tem pai e mãe, que cisma que encontrou o amor da vida dela, que descobre que se enganou, e então não suporta a parte triste dessa história, esquece as outras coisas da vida, todas as outras coisas. Como se o amor de um homem fosse a única aventura dessa vida. Selma se perguntou: “Quem era Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto?”

– Mãe, ela...

– Ela amarrou um cinto num gancho do teto e se pendurou, se enforcou. A mãe e o pai chegaram no alpendre e viram a cena mais horrível da vida deles.

Alguns minutos se passaram.

Selma chorou bastante. Ficou pensando no que a Valentina Vitória dissera uma vez: “Muitas coisas podem acontecer, a partir de um nome”. Pensou também no quanto a amiga fora dramática, tivera o trabalho de colocar um cinto no gancho do teto, quisera morrer pendurada, para que os pais entrassem no alpendre e sofressem o mais que pudessem. *Não sei quantas almas tenho*. Em vez de trágica, Valentina Vitória, que vivia falando em coisa mágica, poderia ter sido mágica. Por exemplo, poderia ter desembestado a ler poesia, de poetas diferentes, de épocas diferentes, com certeza teria ficado mais dona do seu nariz. Ou poderia ter começado umas aulas de dança. Ou ter ido ao cinema, várias e várias vezes. As histórias dos filmes diriam a ela que a maior mágica é a própria vida. Se todos morrem um dia, a maior mágica é a gente se encantar com a vida. Se quisesse se vingar um pouco, vá lá, podia ter mandado o conquistador barato pentear macaco, lambar sabão, e depois arranjasse outro namorado, isso sim teria sido mais condizente com

o nome Valentina Vitória. Mas, *não sei quantas almas tenho*, que complicação.

Depois de chorar e pensar muito a respeito de ações trágicas e reações mágicas, Selma continuou a conversar com a mãe. Ela sabia que ainda havia muito assunto para entabular. Ela Maria que era também Zoraida. Ou Nídia. Ou Gilda. Nome ou experiência para ser.

E também adivinhava que aquele dia teria uma cena ainda mais forte, decisiva, inesquecível.

Fitou a mãe, mulher baixinha, um tanto gorducha, cabelo liso e curto, brinquinhos imitando pérola, rosto pequeno, olhos castanhos. Usava uma saia branca que ia até os joelhos, uma blusa rosa de malha com alcinhas, sapatinhos pretos de salto alto. Ela só andava de salto alto. Ela era a sua mãe, na maior parte do tempo firme e resistente, Bernardina, que trabalhava de cozinheira na cantina de um jardim de infância.

Estava na hora de contar a ela o motivo de São João Del Rey ter sido, talvez, o lugar mais importante daquela viagem. Lá acontecera o momento crucial.

– Mãe, em São João Del Rey eu conheci um diretor de cinema que se chama Eugênio. Só falta um detalhe pra eu ter certeza de que ele é o meu pai.

Bernardina fitou a filha do jeito mais demorado e mais emocionado que se pode imaginar.

– Talvez a senhora se lembre desse detalhe, mãe.

Bernardina ficou pálida.

Selma Gilda Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos perguntou:

– A senhora olhou pros olhos do moço que molestou a senhora naquela noite no ônibus? Lembra da cor dos olhos dele?

– Eram verdes.

Bernardina respondeu, sem hesitar.

E acrescentou:

– Ele me pediu perdão e então eu olhei pros olhos dele.

Selma tomou entre as dela as mãos da mãe.

Que ainda disse:

– Eu não disse que perdoava. Mas vi que ele queria o meu perdão, queria de fato, eu vi isso nos olhos dele.

E ainda disse:

– Você não nasceu com olhos verdes. Mas o seu pai tem olhos verdes, tenho certeza.

Imagina como ficou o coração da Maria.

Eu posso muito bem imaginar.

Ela relatou tudo o que ouvira da dona Luzia. Mencionou e frisou cada detalhe, como o do dia e da hora do acontecido. Outro detalhe era que ele dizia que contava isso nas entrevistas, no intento de que um dia a moça do ônibus soubesse que ele passará o resto da vida clamando pelo perdão. Com o rosto ainda pálido, Bernardina compreendeu que de fato a filha estivera diante do pai.

– O nome dele é Eugênio?

– Sim, mãe. “O que é nobre pelo nascimento.”

– Não me diga mais nada sobre esse assunto, minha filha. No que diz respeito à minha pessoa, não preciso saber mais nada.

Bernardina soltou suas mãos, levantou-se, foi esquentar a janta para Maria.

Imagina como ficou a vida da Maria a partir daí.

Eu posso muito bem imaginar.

De uns tempos para cá ela me visita com mais frequência, entra no meu quarto-biblioteca, escolhe vários livros e leva, lê e depois me devolve. Nós duas passamos bons momentos conversando sobre poesia, romances e contos, com cafezinho quente e biscoitos de queijo que ela traz do Mercado Central. Pequeninha, magrinha, com o cabelo ralinho, ela é a mocinha do Mercado Central.

Conversamos muito sobre outras coisas também. Por exemplo: os anos que a vó Duca, a minha mãe, passou em Brasília, ela que estava lá na época da inauguração e chegou a ver o Juscelino de perto, serviu café e bolo para ele. A vó Duca aparece para Maria, vez ou outra. Aliás, Maria tem intimidade com as almas, que aparecem para ela, dizem coisas, ela até já está acostumada. Eu não entendo nada de espíritos, nem sei se acredito neles, mas sei que Maria vê e ouve pessoas que já morreram e isso é no mínimo um embondo

perturbativo. Por falar em almas que vagueiam, Maria também já frequenta a Biblioteca Umbelina Gomes, de Dores do Indaiá, que tem um fantasma que aparece de noite e acrescenta uns escritos nos livros de uma certa sexta prateleira da sexta estante.

Outra coisa que volta e meia vira assunto: ela nunca mais esqueceria aqueles olhos negros, aquela voz rouca, aquelas mãos inteligentes.

Numa noite de estreia, penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo.

Via o espelho, as muitas lâmpadas pequenininhas formando um retângulo todo iluminado, mas não via as lâmpadas, não via o espelho. Era só ele que ela via.

Bateram na porta. Sabia que era ele.

– Sérgio, pode entrar...

“O guardião” girou a maçaneta e entrou, com os braços dobrados para trás, mas fitando-a firmemente:

– Vim te desejar muita merda!

O cenógrafo anunciou em voz alta e rouca. Com aqueles olhos negros.

Ela riu. Quando ouvira pela primeira vez essa história de se desejar merda para os atores, levou o maior susto, mas depois aprendeu que isso é tradição do teatro, compõe a vida do teatro, que nesse caso o palavrão significa outra coisa, uma coisa boa, sucesso. No teatro, merda quer dizer sucesso, por causa do teatro de antigamente, que era nas ruas. Muita sujeira de cavalos, sucesso. Ela adorou esse embondo de uma coisa fedorenta virar uma coisa que se imagina boa. Será que no fundo o sucesso não passa de uma coisa que fede muito? Uma coisa que é boa, mas que a gente tem que se livrar dela, da obsessão por ela, para de fato se sentir melhor?

Ela o fitou com desvelo.

Sérgio a beijou na testa e saiu do camarim. Sabia que ela precisava ficar sozinha para o primeiro monólogo.

Mas Maria ainda ficou imaginando mais coisas, antes de se concentrar na personagem que interpretaria dali a duas horas. Imaginou, por exemplo, que ela e o Sérgio, depois da estreia da

peça, sairiam para comer uma pizza num dos lugares mais tranchês de São Paulo. E depois da pizza, o que aconteceria? Será que teria coragem de “deixar de ser moça”, como diria a Bernardina? Ela ficou imaginando. Ela que estivera em Copacabana e não entrara no mar, por vergonha de mostrar o corpo, tão pudica, tão coió da roça, tão tímida, tão diferente da maioria das meninas da mesma idade. Ela que em vez de dizer “estou menstruada”, ri e fala “estou monstruada”; um dia ela iria com o Sérgio a uma inesquecível praia do litoral paulista?

Nos dias seguintes, vez ou outra, poderiam passear pela cidade; o Sérgio lhe apresentaria lugares como o Solar da Marquesa de Santos, o Parque do Ibirapuera, o Museu de Arte, a Vila Madalena, a Estação da Luz, o Pátio do Colégio, o Teatro Municipal, os cinemas, as livrarias, cada uma mais lindinha do que a outra. Ela ficou imaginando.

Ela gosta de imaginar, tanto quanto eu. Foram as “imaginações” dela que me deram vontade de escrever este livro. Nem sei se escreverei outros, “Liberdade é pouco, o que eu desejo ainda não tem nome”, como disse a Clarice, adoro mesmo é ler, vai ver eu sou escritora de livro único. Mas imagina, foi mágico dizer que ela é a amiga da paz, a que pode se sacrificar, a que acabou de sair do ninho porque sempre nasce de novo, ela que é a filha desejada, a que escuta, a que carrega e entrega as espigas de trigo para quem precisa, a cativante, a sedutora, a senhora, a escolhida. A Valentina Vitória acrescentaria a preguiçosa, a invejosa, a egoísta, a fingida, a que rói unha, a que tem vergonha do cabelo pouco e fininho, a que, bem, defeito é o que não falta; ter sido consagrada a Nossa Senhora não a livra de ter humanidade.

Maria faz cursinho pré-vestibular. Pretende seguir Letras.

Com muito gosto, ajuda nas despesas com passagens, alimentação e livros. Maria está montando sua própria biblioteca.

Quando aparece curso gratuito de teatro, ela faz. E já foi uma princesa que não ri, uma velha que envenena os próprios netos, um menino que é mudo e vários tipos de jovem.

Numa noite, depois de atuar com dois colegas, numa peça em que interpretava uma menina que vivia escrevendo cartas anônimas,

Maria participou do debate. Entre as pessoas que ficaram na plateia havia um diretor de cinema. Os colegas tinham dito que um importante diretor de cinema participaria do debate e Maria pensou: e se esse cineasta fosse o meu pai? Imagina, ia ser mágico, pensou também.

E foi.

Na plateia havia umas oitenta pessoas. No meio delas, sem timidez e sem ostentação, lá estava ele.

Sentada no chão do palco, Maria respirou fundo ao reconhecê-lo.

Era aquele homem de olhos verdes, sempre de camisa azul-claro, sandálias franciscanas e calça jeans. O Eugênio. O seu pai.

Era a história da sua vida que de súbito se mostrava reaberta, num cenário que tinha tudo para revelar até o mais terrível segredo.

Então a vida podia ser assim tão mágica? Imagina.

Ele havia assistido à peça em que acabara de atuar.

Portanto, a partir desse dia, a vida dele e a dela poderiam estar em conjunto. De pareio. De vizinhança. Que incômodo. Que pavor. Que coisa estúrdia.

Maria pensou: será que era melhor deixar as coisas do jeito que estavam? Ter do pai apenas a imagem que ficou na Pousada dos Sinos de São João Del Rey.

Mas não adiantava pensar assim.

A vida, a maior mágica, dava-lhe a oportunidade de imaginar mais coisas.

A plateia fez várias perguntas aos dois atores.

A Maria ninguém indagaria nada? E de repente:

– A atriz, por favor.

O diretor de cinema falou e era a primeira vez que se manifestava. Estivera até então em silêncio, observando os atores e a plateia.

Maria respirou fundo outra vez.

O diretor de cinema olhou para ela e perguntou:

– Qual o seu nome?

– Maria.

Ela respondeu e olhou firme para ele. Que fez uma pausa e ficou olhando para ela, como se também a reconhecesse. Ou era Maria que já estava imaginando coisas demais?

Daí ele disse:

– Você me impressionou muito.

Maria comentou:

– Sou iniciante, fico insegura quase o tempo todo.

Imagina, era pura mágica.

Pai e filha numa importante conversa.

– Insegura, sim, mas claramente apaixonada pelo que faz.

Ele disse e baixou os olhos para o folheto de divulgação da peça.

Leu um pouco e em seguida fez o convite que mudaria a vida deles para sempre, mudaria fundo, mudaria tudo, mudaria o mundo.

– Maria Campos... Eu costumo sugerir mudança no nome, mas o seu me deixa em dúvida...

Ela o interrompeu com um sorriso:

– Meu nome é perfeito pra virar Selma Gilda Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida!

Ele franziu a testa.

Parecia buscar alguma coisa com o olhar indeciso, mas disse:

– O nome artístico pode ser resolvido depois, com calma.

E terminou de fazer o convite:

– Quer participar do meu próximo filme? Estou precisando de uma atriz iniciante mesmo, ainda bastante insegura, porque o papel exige isso.

Maria pensou: o papel exige insegurança e pouca experiência, o papel tem a sua própria mágica, imagina.

Ele ainda disse:

– Alguma coisa me diz que você é a atriz que eu estava procurando pro papel de filha de um casal de loucos que não sabe mais quem é quem. O casal está totalmente insano. A filha tenta organizar um pouco a vida deles.

Maria sentiu um aperto dolorido no coração.

Alguma coisa me diz.

A filha tenta organizar um pouco a vida deles?

Um casal de loucos.

Imagina.

Duas perguntas lhe vieram à cabeça: o casal tivera a filha e depois enlouquecera? Ou a filha nascera da loucura deles?

Quem tem alma não tem calma.

Os colegas, também sentados no chão do palco, ela entre eles, estenderam os braços e a abraçaram, parabenizando-a pelo convite que acabara de receber.

Todos na plateia esperavam pela resposta afirmativa e entusiasta da jovem atriz.

Que respirou fundo e disse:

– Não sei.

Houve murmúrios na plateia. Os colegas a fitaram incrédulos.

O diretor de cinema:

– Não sabe se dará conta do papel?

– Não sei se quero participar do filme.

A jovem atriz respondeu, sem nenhuma arrogância. Parecia apenas guardar nas palavras um mistério silente e estranho.

Os colegas a olharam preocupados. O barulho na plateia foi diminuindo devagar.

– Posso saber o motivo da dúvida?

Ele perguntou, como se já soubesse o motivo, mas fizesse questão de que ela o confirmasse ali naquele instante, sem medo nenhum, diante de todos, ele claramente decidido a filmar um final mágico naquela história trágica.

Posso muito bem imaginar tudo o que se entremeou no coração e na cabeça da Maria naqueles momentos cruciais. Com toda a certeza, lembrou-se da mãe, sentiu de novo o drama e o trauma da Bernardina; ao contrário de mim que casei, enluquei e, vez ou outra, namoro, a minha irmã nunca mais quis saber de homem nenhum. E Maria gostava de beijar, mas tinha o trauma e o drama de ir além dos beijos, ficava só nos beijos, diferentemente da maioria das mocinhas da idade dela.

Vai daí, disse:

– Prefiro fazer um teste primeiro.

Ele falou:

– Um teste primeiro. O teste é de praxe, sabia? Você não vai entrar no filme se não passar no teste. Mas eu gostei de você mesma falar nisso, menina!

E sorriu para ela.

Maria ainda disse:

– Talvez você esteja enganado a meu respeito.

O diretor de cinema:

– Até agora não me enganei sobre o talento de uma atriz, mas tudo tem a sua primeira vez.

A jovem atriz:

– Muitas coisas podem acontecer, a partir de um nome.

Ele de novo franziu a testa. Continuou olhando para ela.

Alguém na plateia levantou a mão para fazer outra pergunta e Maria desviou o olhar. Ficou olhando para as pessoas, uma e outra, uma e outra, imaginando-lhes os nomes.

Tantos e quais nomes.

E de repente alguém perguntou o que ela achava da mania da sua personagem, a de escrever e enviar cartas anônimas. A menina provocava tumulto na vida das pessoas. O que a atriz sentira ao viver alguém assim?

Era uma mulher que fazia a pergunta.

Maria a fitou, observando-lhe os enormes óculos brancos.

E disse:

– Eu me senti feliz.

A mulher dos enormes óculos brancos:

– Explique a sua felicidade!

Maria ficou nervosa. Teve medo de não saber explicar.

E disse:

– Me senti feliz por viver alguém que não assina o próprio nome. Achei isso angustiante, doentio, constrangedor, mas ao mesmo tempo instigante. Por causa de uma amiga que eu tive, que sabia o significado de quase todos os nomes, me habituei a pensar no significado dos nomes. Eu fico imaginando o que a bagagem de um nome pode provocar na vida de alguém.

Fez uma pausa.

Olhou para as outras pessoas.

E, tensa, continuou:

– Será que não seria mais interessante cada um ter um nome sem significados predeterminados?

Fez outra pausa.

E evitando olhar para o diretor de cinema:

– Mas talvez isso não importe muito, porque a gente sempre acaba descobrindo ou inventando significados, quer dizer, outros mistérios na vida da gente.

Outra pausa.

E prosseguiu:

– Nesta peça, estou vendo o outro lado da questão. A personagem não assume o próprio nome. Ela se vale da falta do nome pra criar coragem e dizer algumas verdades. Fico pensando nos nomes e seus mistérios... Tudo isso me emociona muito. Me deixa feliz, sabe? As pessoas são mistérios fascinantes.

Maria pauseou de novo.

Depois, com uma voz menos tensa, ainda falou, citando o meu poeta preferido:

– O significado, ou o sentido, não está apenas no nome, está também na falta do nome. É instigante imaginar os muitos sentidos que existem na ausência de um nome. E, por outro lado, alguma coisa sempre se esconde, mesmo que se diga o nome. “Sob a pele das palavras há cifras e códigos”, disse o Carlos Drummond.

Outras pessoas entraram na discussão.

Alguém comentou sobre o tom irônico das cartas da personagem.

Alguém destacou-lhes o humor.

Um senhor de gravata verde falou em falta de sentido, que nada tem sentido, a única coisa que salva é a arte, ele disse, daí um grande silêncio perpassou a plateia e o palco.

Maria sentiu o olhar do cineasta, o tempo todo.

Ele a analisava, o tempo todo.

Um dia ela contaria a ele sobre as viagens que fez, ao decidir por esse ou aquele nome? Contaria cada experiência, cada sonho, cada possibilidade?

Não sei, ela disse.

Não sei, assim recomeçava o filme da vida deles.

Na noite seguinte, uma hora antes de irem para o palco, enquanto terminavam de se preparar no camarim, os três atores estavam silenciosos, como sempre ficavam nos minutos que antecediam a apresentação. Mas de súbito “o ousado”, “o atrevido”, o Ubaldo se lembrou de uma ótima notícia:

– O filme do Eugênio vai ter uma participação especial do Selton Mello!

Maria terminava a maquiagem.

Jairo, “aquele que foi iluminado”, comentou:

– O Selton Mello? Que sorte! Que maravilha!

Ubaldo:

– Já pensou, Maria, você contracenando com o Selton Mello?

Maria quase estragou a maquiagem. Tentou disfarçar o susto.

Ajeitou o diadema no cabelo, mas não ajeitou o diadema no cabelo.

Jairo ainda disse:

– Me deu inveja de você, Maria...

Imagina, ela jamais imaginara que um dia poderia estar num filme com o Selton Mello, vê-lo por horas e horas, observar de perto a composição de uma personagem dele.

Que coisa mágica, diria a Valentina Vitória.

Mas Maria, trêmula e séria:

– Não sei se vou fazer o teste pro filme.

Os dois colegas menearam a cabeça e não disseram mais nada. Respeitaram o mistério da colega.

Os três de novo imersos no silêncio.

Precisavam se concentrar.

No entanto, Maria ouvia a Bernardina:

– Não preciso saber mais nada.

Ouvia o Eugênio:

– Você me impressionou muito.

Ouvia o Selton Mello:

– Você é um encanto.

Não ouvia mais nada. Não queria.

E ouvia. Sabia. Queria. Imaginava.
Tanta coisa haveria de acontecer.

Imagina como ficará a vida da Maria, se ela um dia respirar fundo e contar tudo ao Eugênio, começando por aquele dia dramático em que a mãe viajava num ônibus em direção a São Paulo. “Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que *ele* não era um moço tão cruel assim”. Bernardina jamais quereria estar de novo com esse homem.

Maria também não queria.

Mas queria.

Imagina, seria mágico atuar no próximo filme dele.

Conhecer esta ou aquela inquietude da vida dele.

Ele que era para ser bandido, mas virou diretor de cinema.

Em que mágico momento o cinema o tirou do crime?

A mocinha do Mercado Central não pararia de imaginar.

Imagina até que viajou para São João Del Rey levada pelas palavras Lara, “a protetora do lar”, cidade dos sinos e “escrever é de amargar”; nomes palavras mágicas que tiveram o poder de, com ironia e graça, conduzi-la a uma pousada onde os sinos e a voz do pai se tornariam a música da poesia de sonhar que ela poderia, se quisesse, inventar uma outra família. Ela Telma Lara, “a que muito deseja e protege o lar”; Telma Lara, que um dia passou a ser o seu nome artístico.

Mas talvez seja tão terrível a história da vida deles, que para sempre lhes impeça um roteiro, uma direção, um teste, uma fala, uma trilha sonora, um ritmo, aquela luz, essas imagens, *quem sente não é quem é*, num doloroso encontro de artistas.

Mas, imagina, a mocinha do Mercado Central se encanta com a vida.

Faz o teste e passa.

Entra no filme.

Convive com o Selton Mello.

Convive com o pai.

É mágico imaginar como cada mistério será desvendado ou apenas lembrado para sempre.

STELLA MARIS REZENDE é mineira de Dolores do Indaiá. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, escritora e atriz. Já publicou dezenas de livros para adultos, crianças e jovens. Recebeu prêmios importantes, como o Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro (1986, 2001 e 2008), Altamente Recomendável para Jovens/FNLIJ (14 livros), Prêmio Barco a Vapor 2010/Fundação SM e 3 indicações ao Jabuti. No final dos anos 1970 e no início dos 1980, interpretou a Fada Estrelazul do programa Carrossel, TV Manchete/Brasília, e a Tia Stella do programa Recreio, TV Record/Brasília. Viveu parte da infância em Belo Horizonte, mudou-se para Brasília em 1962 e desde 2007 vive no Rio de Janeiro.

